

ROMANCE

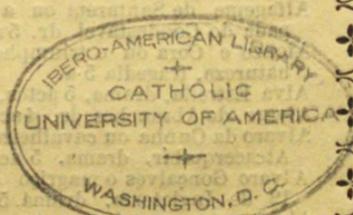
DE

UMA VELHA

COMEDIA EM CINCO ACTOS

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO



RIO DE JANEIRO

NA LIVRARIA DE CRUZ COUTINHO—EDITOR

75

Rua de S. José

75

Pamphlet
19thCent
308

Os seguintes dramas e comédias vendem-se
na livraria de A. A. da Cruz Coutinho,
rua de S. José n. 75, Rio de Janeiro.

- A**
- Abamoacara, tragedia, 4 actos.
Abel e Caim, comedia dr., 3 actos.
Abençoada diabrura, com. dr. 1 a.
Abençoada resignação, drama, 3 a.
Abençoados infortunios, com dr.
3 actos.
Abençoadas lagrimas, dr. 3 actos.
Abnegação, drama, 4 actos.
Aboletado com., 1 a. (Manuscripto)
Abrazadores (os) dr., 3 a. e 1 pro-
logo.
A' cata um namorado, com., 1 a.
Adulação e o ouro, c. d. 4 a. e 7 q.
Afilhada do Barão, com., 2 actos
Afflicções d' um perdigoto, com.
1 acto.
Affonso ou o jovem cavalheiro, dr.
5 actos.
Affonso 3º ou o valido d'El-Rei dr.
5 actos.
Agonia e conforto, dr. 3 actos.
Agostinho de Ceuta, dr. 4 partes.
Aldeão pervertido, ou 15 annos de
Paris, drama, 3 actos.
Alfageme de Santarem ou a es-
pada do Condestavel. dr. 5 a.
Alonzo e Cora ou o triumpho da
natureza, tragedia 5 a.
Alva Estrella, drama, 5 actos.
Alvaro de Abranches, dr., 4 actos.
Alvaro da Cunha ou cavalheiro de
Alcacerquibir, drama, 5 actos.
Alvaro Gonçalves o magriço e os
12 de Inglaterra, drama. 5 a.
Alzira ou os americanos, tragedia
5 actos.
Amador Bueno ou a fidelidade
paulistana, drama, 5 actos.
Amante e irmã, drama, 2 actos.
Amante do marido, comedia, 1 a.
(Manuscripto.)
Ambicioso (o) comedia, 5 actos,
Ambições d'um eleitor, com., 2 a.
Ambos sem calças. farça, 1 acto
Ambrozina, drama, 5 actos.
Amelia, drama, 3 actos.
Amemos o nosso proximo, c. 1 a.
- Amigo (o) da lei ou D. Pedro I. o
justiceiro, drama, 3 actos.
Amigos (os) intimos, comedia, 4 a.
Amor e amizade, comedia, 1 acto.
Amor de um padre ou a aquisição
em Roma, drama, 4 actos.
Amor conjugal, comedia, 1 acto.
Amor e dever, comedia drama, 3 a.
Amor (o) e o dever, com. dr., 3 a.
Amor e firmeza, drama, 4 actos.
Amor e honra, drama, 2 actos.
Amor e marmellos, comedia, 1 acto.
Amor maternal, drama, 2 actos.
Amor de madrastra, com. 1 acto.
Amor de perdição, dr., 4 a. (Ma-
nuscripto.)
Amor proprio mal cabido' c. 1 a.
Amor virgem n'uma peccadora. c.
1 acto.
Amores da Modista, comedia, 1 a.
Amores (os) de cupido.
Amores de um marinheiro, comedia
1 acto.
Amores de Roberto, com. 5 a.
Amores (os) de tatiroló, opereta co-
mica 1 acto.
Andador das almas, parodia, em
3 actos.
André o Fabricante, dr., 3 actos.
Andromaca, tragedia, 5 actos.
Angelo, tyranno de Padua, dr.,
3 actos.
Anjo (o) da paz, comedia 2 actos.
Anjo (o) Maria, drama, 2 actos.
Anna Barraca, comedia, 1 acto.
Annel (o) d'alliança, com., 1 a.
Antes a filha que o vinho, farsa,
1 acto.
Antes na provincia, comedia. 3 a.
Antes quebrar que torcer, dr., 3 a.
A porta da rua, farça, 1 acto.
Aprendiz (o) de ladrão, farsa. 1 a
A' procura de si mesmo, com., 2
Actos.
A' procura d' um pai.
Aristocracia (a) e o dinheiro, com.,
em 3 actos.
Arrepenteimento (o) com. 4 a. e 1
prologo.

ROMANCE

DE UMA VELHA

A' venda na livraria de Cruz Coutinho

Rua de S. José n. 75.—Rio de Janeiro.

Theatro moderno Luso-Brazileiro. Collecção de comédias, dramas e scenas comicas.

- N. 1 Como os anjos se vingão, drama em 1 acto por Camillo C. Branco. 1\$000.
- N. 2 Embrulhadas d'amor, comedia em 1 acto. 640 rs.
- N. 3 O Dr. Gramma, comedia em 2 actos. 1\$000.
- N. 4 O diabo a quatro n'uma hospedaria, comedia em 1 acto 1\$000
- N. 5 Cegueira ou bebedeira ? scena dramatica. 500 rs.
- N. 6. Um marido que é victima das modas, com. em 1 a. 1\$000.
- N. 7. Ah! como eu sou besta! s. c. de F. Corrêa Vasques. 500 rs.
- N. 8 Um par de mortes, ou a vida d'um par, calembourg em 1 acto. 1\$000.
- N. 9. O diabo no Rio de Janeiro, scena com. do Vasques. 640 rs.
- N. 10 O Sr. Domingos fóra do serio, scena comica de F. C. Vasques 640 rs.
- N. 11. Meia hora de cynismo, comedia em 1 acto de França Junior, 2ª edição. 1\$000.
- N. 12 As duas bengalias, comedia em 1 acto 1\$000
- N. 13 Dois genios iguaes não fazem liga, comedia em 1 acto, 2ª edição 1\$000
- N. 14 A afilhada do barão, com. em 2 actos de Mendes Leal. 1\$500.
- N. 15 O menino Monclar, scena comica do Vasques. 500 rs.
- N. 16. O diabo atraz da porta, comedia em 1 acto. 640 rs.
- N. 17 Os ratões da época, comedia em 1 acto. 640 rs.
- N. 18 A espadellada, comedia em 1 acto 640 rs.
- N. 19 As pitadas do velho Cosme, s. c. do Vasques, 2ª ed. 500 rs.
- N. 20 Os namorados da Julia, s. c. do F. Corrêa Vasques. 500 rs.
- N. 21 Uma mulher impagavel, comedia em 1 acto.
- Pedro, drama em 5 actos, de Mendes Leal. 1\$5000.
- Abel e Caim, drama em 3 actos de Mendes Leal. 1\$500.
- Remissão de Peccados, comedia em 2 actos do Dr. Macedo 2\$000.
- Mysterio do Alcazar, drama 1\$5000.
- Punição. drama em 3 actos do Dr. P. Guimarães. 2\$000.
- Historia d'uma meça rica, drama. 2\$000.
- Os voluntarios da honra, comedia drama 2 actos. 1\$000.
- A viuva do meu amigo, comedia em 1 acto. 1\$000.
- O traga mocas, opera comica 4 actos. 1\$500.
- O José do Telhado, drama em 5 actos. 1\$500.
- A morgadinha de Val-flór, drama. 1\$000.
- A negação da familia, drama em 4 actos. 1\$500.
- O poder do ouro, drama em 4 actos. 2\$000.
- Prazeres e dôres, com. 1 acto. 640.
- O defeito de familia, comedia em 1 acto. 1\$000.
- Amor com o amor se paga, comedia em 1 actos. 1\$000.
- Homeus do mar, drama, maritimo.
- A expiação de José de Alencar 2\$
- Os popillos do escravo, d. 1\$500.
- O Recambolo Junior, comedia em 1 acto 1\$000.
- Quem casa quer casa, c. 1 a. 1\$000.
- O caixaero da taverna, comedia em 1 acto. 1\$000.
- Os irmãos das almas, comedia em 1 acto. 1\$000.
- O engeitado, drama 5 actos. 1\$000
- Cynismos, scepticismo e crença, comedia-drama em 2 actos de C. de Lacerda. 1\$500.
- As azas de um anjo, com. 1\$500.
- Mãi, drama de José de Alencar 1\$500.
- O noviço, comedia em 3 actos 1\$.
- Fallar verdade a mentir, comedia em 1 acto 1\$500.
- O escravo fiel, drama em 5 actos 1\$500.
- Os dois irmãos, drama 1\$500.
- Baltazar ou a nuvem negra, drama em 3 actos de Fagundes Varella. 1\$500.
- O condemnado, drama de Camillo C. Branco. 1\$500
- Typos da Actualidade, comedia em 3 actos. 2\$000.

ROMANCE

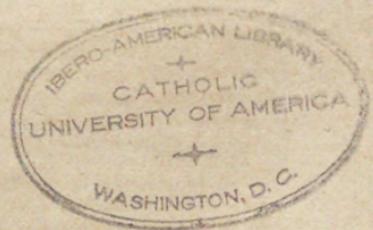
DE

UMA VELHA

COMEDIA EM CINCO ACTOS

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO



RIO DE JANEIRO

NA LIVRARIA DE CRUZ COUTINHO—EDITOR

75

Rua de S. José

75

Pamphlet
134h Cent
308

PERSONAGENS

Violante	Porfirio
Clemencia	Augusto
Irene	Leopoldo
Acrobata	Polydoro
Braz	Lauriano
Casimiro	Thimoteo
Mario	Criado

Multidão.— Concurso de senhoras e cavalheiros

A acção da comedia se passa na cidade do Rio de Janeiro,
no anno de 1869.

6407.

ACTO I

CHACARA EM UM DOS ARRABALDES DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO : JARDIM ESPAÇOSO, QUE PARECE ESTENDER-SE PARA O LADO DIREITO, ONDE FICA EM MEIO ELEGANTE CASA, DE QUE APPARECE A VARANDA DE COLUMNAS E COM ESCADA PARA O JARDIM : AO LADO ESQUERDO GRADIL E PORTÃO DE FERRO QUE ABRE PARA A RUA: BANCOS DE RELVA: PERTO DO PORTÃO CADEIRAS RUSTICAS.

SCENA I

Violante, em luto alliviado trajando decentemente, mas fóra da moda, e trazendo touca á antiga e oculos fixos : **Braz**, vestido com igual decencia, mas sem pretensões a elegancia. Vem ambos conversando para o lado do portão : logo depois **Casimiro**, no maior apuro da moda, de luvas e bengalinha, desce da varanda.

Violante.—No outro tempo não era assim ! por fim de contas tudo está mudado.

Braz.—Tudo, madrinha ; e para no-lo provar basta um espelho et cetera. (*Sentão-se*) Como Cazimiro vem *chic*!

Violante.—(*A Cazimiro e depois de benzer-se*) Estás de ponto em branco, e trazes uma gravatinha que te assenta, como a minha touca assentaria na cabeça de tua filha.

Casimiro.—Vou dar um curto passeio e volto já para tomar café.

Violante.—Vais ver a nossa vizinha ? para velho tens bom gosto ; mas Deos te perdõe a intenção.

Braz.— Não apoquente o rapaz, madrinha ! anda, Cazimiro, aproveita a mocidade.

Casimiro.—Tambem tu ?...

Braz.—Defendo a nossa causa : nascemos no mesmo anno : quando o Brasil subio á reino, descemos ou nos fizerão descer para este valle de lagrimas ! 1815 ! meio seculo e mais quatro annos só ! é a estação das flôres ! Vai ver a bella vizinha, rapaz.

Violante.—Por fim de contas das tres uma : ou namoras por vaidade, ou queres casar, ou pretendes seduzir.

Casimiro.—Escolha á sua vontade qualquer das hypotheses.

Braz.—Que suave condescendencia ! ouvio, madrinha ? elle está por tudo : aceita a linda vizinha em todas as hypotheses.

Violante.—Se namoras por vaidade, cahes em cheio no grotesco : um velho namorando uma menina, o inverno rendendo finezas á primavéra, é como...

Braz.—E' como um general brincando com bonecas, e um frade badinho dansando a polka... entretenime s innocentes...

Casimiro.—Então casa-me ?

Violante.—Viuvo, com dous filhos, e tendo cincoenta e quatro annos, se casasses com uma menina de dezoito, merecerias que a propria noiva no fim de poucos mezes te desse de palmatoria.

Braz.—Et cætera, madrinha, et cætera.

Casimiro.—Resta a seducção : arvore-me em Fanblau ou em Casanova.

Violante.—E' nos *casavelhas* que a seducção se mostra mais perversa e imperdoavel. Por fim de contas, Casimiro, toma cuidado : quem tem telhados de vidro, não atira pedradas.

Casimiro.—Não a entendo.

Braz.—Nem pôde entender : pois se a madrinha está fallando em portuguez !

Violante.—Lembra-te de Clemencia, que tambem é donzella e pobre.

Casimiro.—Mas, graças a meus desvellos perfeitaente educada. E' capaz de pó-lo em duvida ?

Violante.—Sou.

Braz.—Magnifico !

Casimiro.—E esta ? Violante, você é a mais impertinente das velhas.

Violante.—Clemencia é boa menina por dotes que deve á natureza; tu porém deste-lhe uma educação que faz pena : preparaste nella uma boneca e não uma senhora, um atavio de sociedades e não um thesouro do lar domestico ; não a ornaste, affeitaste-a ; e por fim de contas tornaste-a joia falsa, resplendendo por fóra, como diamante, e valor intrinseco nullo. Nem ao menos a ensinaste a amar a Deos ; mas em compensação ella parece amar o proximo desesperadamente.

Casimiro.—Que quer dizer, Violante ?

Violante.—Clemencia aceita a cõrte de quantos lh'a querem fazer, e sorri a todos os mancebos : é verdade que por fim de contas ella tem bonitos dentes.

Casimiro.—Minha filha sabe ser agradável sem comprometter-se.

Violante.—Cumpria que fosse mais recatada. As donzellas devem ser como as flôres cultivadas em estufas.

Casimiro.—Para irmãs de caridade ? nós cultivamos essas flôres ao ar livre da boa sociedade. Você é um anachronismo vivo : quer que tudo se passe como no tempo do rei.

Violante.—Se dirigio mal a filha, ao filho muito peor.

Casimiro.—Vamos lá : que acha em Mario ?

Violante.—E' um vadio : está abandonado á mãe dos vícios, á ociosidade : aos vinte e tres annos de idade Mario só se occupa de andar trocando as pernas.

Casimiro.—Ha um anno que me empenho por obter para elle um emprego no thesouro ou na alfandega ; isso porém hoje é tão difficil !

Violante.—O irmão da vizinha não é empregado publico e sustenta a mãe e a irmã com o seu trabalho.

Braz.—Mas não tem a honra de sentar-se á mesa do orçamento : é um original que com a vaccina do trabalho independente preservou-se da emprego-mania. Casimiro é sabio. Mario deve andar trocando as pernas até que o governo lhe dê, á custa do Estado, um par de muletas.

Casimiro.—Não os posso soffrer mais : vocês entendem-se admiravelmente : nascêrão um para o outro : foi pena não se terem casado... vejão se ainda é tempo.

Violante.—Antes uma boa morte.

Braz.—De accordo, madrinha. (*Casimiro sahe pelo portão.*)

SCENA II

Violante e Braz

Violante.—Por fim de contas no meu tempo não era assim.

Braz.—A madrinha dá forte e rijo, mas ha de cansar. Casimiro é incorrigivel, e nesta casa toda a familia padece, porque a cabeça de-satina : eu já cansei de ralhar ; a madrinha tambem ha de cansar.

Violante.—Não hei de : sou teimosa, cumpro um dever, e agora tenho privilegio.

Braz.—Privilegio ? para ralhar ?

Violante.—Sim : enquanto fui pobre, se tivesse vindo morar com elles, creio que seria bem tratada ; mas a campainha das minhas censuras acabaria por aborrocê-los, e eu me curvaria á imposição de silencio: prudente, deixei-me sempre na companhia do meu bom tio e padrinho, e hoje, e desde quatro mezes rica herdeira de quinhentos contos de réis por morte desse meu segundo pai, são elles, meu irmão e sobrinhos, quemorão commigo, e a velha celibataria elevou-se á irmã e tia veneranda com direito de dizer tudo quanto lhe vier á cabeça.

Braz.—Anda por ahi boa dóse de injustiça : Casimiro e seus filhos nunca a esquecerão nem a desamarão.

Violante.—Agora porém adorão-me... por fim de contas...

Braz.—Alto lá, madrinha ! fui triste engeitado que seus pais adoptarão e educarão, e a lembrança do beneficio não me permite ouvir levantar alevies ao filho e aos netos de meus pais de adopção: são uns cabeças de vento; mas corações de ouro sem liga.

Violante.—Sabes que os amo ; não confio porém no juizo delles, e a prova é que não foi a Casimiro, e sim á ti que entreguei a administração dos meus bens e a guarda da minha riqueza.

Braz.—Deos sabe se teve razão : só o futuro lhe poderá dizer que immenso miolo de hypocrisia e de egoismo se esconde por baixo desta bonita casca physiionmica.

Violante.— Por fim de contas farei a experiencia.

Braz.—Pois que me preferio á seu irmão legitimo, que é um velho gaiteiro, mas homem honrado, merecia que, em minha qualidade de procurador de causas, eu aproveitasse na administração da sua fortuna a lição do epigramma de Bocage. Ah ! mal pensa no que fez, e ao que se expoz ! a madrinha não sabe o que vai pelo mundo : a falta de dinheiro tem desenfreado a sagrada fome, *sacra fames auri*, que é cousa nunca vista : olhe ha uma epidemia de pouca vergonha, um phrenesi de viver á custa alheia, uma cholera-morbus de velhacaria et coetera, et coetera, que a cidade do Rio de Janeiro está cheia de... et coetera, madrinha, et coetera.

Violante.—Pões-me tonta.

Braz.—E é para tontear ! quero dizer que em caso de epidemia ninguem é atacado por sua vontade : as gentes não são de ferro, e a madrinha, confiando-me a gerencia da sua riqueza, expoz-me cruelmente ao contagio epidemico.

Violante.—Tens lingua de serpente, Braz ; mas falla-me serio : o mundo chegou devéras a tanta baixeza ?

Braz.—Sim, madrinha ; o mundo subio á essas alturas.

Violante.—Santo Breve ! no meu tempo não era assim.

Braz.—Era : cada época tem suas molestias sociaes : no nosso tempo de outr'ora havia deformidades que horrorisavão : o meu tempo de hoje é outra cousa : é uma estragação que faz gosto ! á parte a epidemia reinante, de que á pouco fallei, brilhão os costumes com todo o esplendor da lua da civilisação em quarto mingoante e com todo o impulso do progresso em andar de caranguejo.

Violante.—Por fim de contas...

Braz.—As idades se confundem : salvas as excepções importunas, os meninos vão para a escola pendurados em grandes charutos, e marcão as lições com as cartinhas das namoradas ; os jovens fumão ao lasquenét, instruem-se no alcazar, e ceão em collegios nocturnos ; os velhos agarrão-se á mocidade postixa e no furor de remoçar tropeção no ridiculo e jogão as cambalhotas, como na infancia : é o mundo ás avessas : não acha que tem sua graça ?

Violante.—E as senhoras ?

Braz.—São inviolaveis e sagradas : para mim ellas fulgurão pela irresponsabilidade. Não tenho noticia de costumes censuraveis, de educação falsa, e de erros de senhoras, que não provenhão da influencia masculina : na vida social os homens fazem-se, as senhoras são feitas ; por consequencia peccado de senhora, penitencia ao homem. Mas... não atassalhemos a sociedade : eu gosto de dar á lingua ; porém a justiça deve começar por casa : a madrinha quer cortar na pelle dos seus parentes ?

Violante.—E' o teu officio : mãos a obra !

Braz.—Que tem que dizer de Casimiro ? estaria rico, se não fosse esbanjador ; mas que quer ? ha duas paixões em moda : é peccar no sexto e ainda em outro dos mandamentos da lei de Deos, e é regra de bom gosto que, quanto mais velho, mais peccador. Como Casimiro ha tantos!...

Violante.—E' desmoralisação ! aquelles que devião ensinar com o seu exemplo....

Braz.—E ensinão, a peccar pelo menos. Mario não cuida em outra cousa : namora, joga, extravagancia, e disse : não ; faz mais : passeia em cavallo de raça que é a occupação das suas horas vagas.

Violante.—E Clemencia ?

Braz.—Inviolavel e sagrada : para que lhe derão o nome de Clemencia ? não tem culpa de ser muito clemente : asseguro-lhe todos que é formosa : ora o trabalho e a fadiga são nocivos á formosura, e portanto ella passa os dias á limpar e á delgaçar as unhas que usa crescidas, como a imperatriz da China ; o pai se ufana de vê-la realçar-se nas sociedades ; é logico pois que ella despenda com vestidos e enfeites muito mais do que o vaidoso está no caso de gastar com a filha. Eu não vejo que censurar em Clemencia.

Violante.—Hasde repetir tudo isso diante delles.

Braz.—Seria a milésima edição de uma obra, de que não se tivesse vendido um só exemplar das novecentas e noventa e nove ; mas vire agora a folha e leia no verso : Casimiro é um negociante modesto, porém honradissimo; Mario é generoso e sensivel; Clemencia é honesta, paciente e de optimo character na vida domestica : são tres anjos pelos corações que parecem tres dia bós pela falta de juizo.

Violante.—Por isso ralharei até rebentar ou corrigi-los.

Braz.—Tratarei de preparar o meu luto ; porque a madrinha rebenta.

Violante.—Braz, é delles que hoje me preoccupa : ha na vida tres idades : a idade em que se vive pelos outros, a idade em que se vive com os outros, a idade em que se vive para os outros : estou nesta ultima : aos sessenta e dous annos chegarão-me as nozes, quando já não tenho dentes : a minha riqueza é apenas um deposito : pertencerá a vocês mais tarde.

Braz.—Que tentação ! madrinha, não repita isso, que faz calafrios... as coegas da herança são capazes de fazer-me ir conversar com algum chimico sem consciencia.

Violante.—Ainda não fiz testamento.

Braz.—E' o que lhe vale : declaro-me inoffensivo provisoriamente.

Violante.—O gracejo é de máo gosto.

Braz.—Gracejo ! o caso é muito serio e os dous animaes mais serios deste mundo são o burro e o dinheiro : creio que foi por isso que se chamou burra a arca pecuniaria.

Violante.—(Vendo Clemencia) Até que emfim.

SCENA III

Violante, Braz e Clemencia, vestida com exageração da moda.

Braz.—Amanheceu.

Clemencia.—Engana-se : a hora é quasi do crepusculo da tarde.
(Chega ao portão.)

Braz.—Segue-se que me enganei na hora ; mas não me enganei com o sol : sinto que o crepusculo preceda apenas ao occaso.

Clemencia.—Não se affija ; ha sóes que brilhão tambem de noite. (Senta-se.)

Violante.—Modestia até ahi ! Clemencia, o Braz está se divertindo contigo : tu mesma, se te julgasses formosa, como o sol, não levarias tanto tempo a enfeitar-te diante do espelho.

Clemencia.—Que erro ! só as feias fogem do espelho. O toucador tem encantos!... é claro que não fallo de mim ; quando porém uma moça bella e gentil, em pé, defronte do espelho, se embevece, contemplando a sua imagem, ao mesmo tempo que com suave e preguiçoso pente alisa as ondas de seus formosos cabellos, e admira o contraste da negrura delles com o marfim de seus hombros magníficos, e sorri de indizível satisfação que ainda se exalta com o reflexo da graça do seu riso, do mimo da sua boca, da brancura e pureza de seus dentes, da flamma celeste, irresistivel do seu olhar... é claro que não fallo de mim... quando a moça bella e gentil se revê, se reconhece, se applaude encantadora... creatura feliz, privilegiada, rainha de corações... oh ! o tempo corre e ella o não sente... as horas passam no gozo do extase... da bema venturança da consciencia... oh ! o espelho é tão doce!... tão embriagador!... tão feiticeiro!... titia, ás vezes eu fico ahi presa manhãs... tardes inteiras...

Braz.—E' claro que ella não falla de si.

Clemencia.—Só conheço um enlevo igual a esse.

Violante.—Juro que não será occupação séria.

Clemencia.—E' o baile, titia.

Braz.—Ao menos é expansiva e franca : então o baile...

Clemencia.—E' a festa do amor e o triumpho da belleza : o baile é a liça ruidosa e fulgurante das senhoras que se disputão a primazia, combatendo-se com os olhos, com os sorrisos, com as graças do semblante, com a gentileza do corpo, o espirito e as prendas, com os brilhan-tes que offuscão, com o bouquet, com o leque delicado que perguntão e respondem, e então... a mais bella.... não fallo de mim, repito ; a mais bella suspira surprehendida pelo fim da noite que voára, e em ue ella esqueçera o passado, e não pensára no futuro excitada pela musica, arrebatada pela valsa, embriagada de inepsos, aturdida de

elogios, soberana de escravos, idolo de admirações, ensurdecida pelos hymnos, e feliz, immensamente feliz, porque a luz da sua belleza resplandeceu como a flamma do incendio, deixando o fogo em vinte ou mais corações...

Violante.—Misericórdia! por fim de contas no meu tempo não era assim.

Clemencia.—Era, titia; ou no seu tempo não havia moças.

Braz.—Mas em ultimo caso o que dá de si o baile?

Clemencia.—Dá antes de tudo o gozo do que chamão vaidade, que é a poesia da vida da moça bella e gentil. A vaidade! fallem de nós os senhores que morrem por commendas, titulos, grandezas, e que poem em guerra a humanidade para serem ministros de estado só pelo gosto de trazerem ordenanças atrás dos carros: a vaidade! que seja vaidade; a nossa é menos nociva.

Braz.—Concordo, menina, concordo, palavra de honra; mas além da satisfação da vaidade...

Clemencia.—No baile a mulher procura, e acha, ou péde achar a realização da sua unica esperança de futuro, o amor, e pelo amor um marido apaixonado...

Braz.—Bravo! um amor violento, porque desenfrêa na valsa, suave, porque engomma contradansas, e cheio de fogo, porque recorre aos sorvetes, que nunca faltão no baile!

Violante.—Amor e marido apaixonado á compasso de musica! hão de ser bons; prefiro o meu tempo, em que as donzellas se casavão pelo juizo dos pais: hoje em dia as moças casão-se pelo calculo dos noivos, quando são ricas, ou por vento de felicidade rara, quando Deos permite.

Clemencia.—Que blasfemial é duvidar do poder da belleza, e descreer a influencia dos anjos humanos.

Braz.—Pois eu digo que a madrinha tem razão: a civilisação e o progresso material matarão o amor pelo menos na cidade do Rio de Janeiro: perdão... eu vou demonstra-lo. O amor é uma especie de systema representativo; porque sem opposição degenera em agua morna: o amor vive de desejos contrariados, de esperanças duvidosas, de saudades agridoces; tem o seu encanto no mysterio, a sua força nos obstaculos, o seu brilho na adversidade; adora o segredo das negociações pendentes, como um ministro dos negocios estrangeiros; maldiz da luz e da publicidade, como um chefe de policia, e salta por cima do direito e das leis, quando isso lhe faz conta, como o poder executivo.

Clemencia.—E depois disso...

Braz.—A civilisação e o progresso acabarão com todos esses elementos da vida do amor: para a saudade não ha mais distancias separadoras por causa das estradas de ferro: o doce mysterio de uma cartinha amorosa não se observa mais: os namorados vão ao *Jornal do Commercio* e escrevem para todos lerem: « C... Adoro-te sempre: hoje á tarde espera-me á janella, e me verás passar no meu cavallo baixo: guarda-me a primeira valsa no baile do barão: não quero que dances com o moço de bigodes: teu louco apaixonado... E. » já vê? o amor cahio na publicidade dos annuncios a seis vintens por linha, e manifesta-se a pataca e meia.

Clemencia.—Está gracejando...

Braz.—D'antes os lampeões á azeite deixavão á noite recantos escuros, onde o anante esperava ancioso o recado ou a resposta da amada; hoje veio a illuminação á gaz e dissipou as sombras amigas: d'antes os pais escondião as filhas, e alguns minutos de confidencia secreta erão raros favores devidos á astucia ou ao acaso; hoje um moço e uma moça tratão do que chamão amor, em casa, no baile.

no theatro, no passeio, sem cuidados, nem ceremonias, e exactamente como dous agiotas que na praça do commercio ajustão acções de uma empreza, de que elles proprios desconfião: por consequencia...

Clemencia.—Ha de ser curiosa a conclusão!

Braz.—Por consequencia o amor, o verdadeiro amor, privado dos seus elementos de vida e de estímulo, desertou, fugio para longe da cidade do Rio de Janeiro, onde tomou-lhe o lugar o calculo enfeitado pela cortezia: não ha mais amantes, ha calculistas; não ha mais amadas, ha calculadas.

Clemencia.—Então... actualmente o amor...

Braz.—E' uma operação de arithmetica.

Clemencia.—A belleza, as graças, o merecimento de uma senhora...

Braz.—São agradaveis orações incidentes no periodo grammatical do casamento.

Clemencia.—E a oração principal?

Braz.—O dinheiro: prova irrecusavel; o sol tem já vinte annos de idade, e ainda não conseguiu casar.

Clemencia.—Porque ainda não quiz escolher.

Braz.—Pois escolha, e se alguma lua mingoante com um dote avultado lhe disputar o escolhido, verá que, apesar da luz do sol, fica solteira.

Clemencia.—O senhor calumnia a sociedade e offende a formosura: tia, frequente commigo os bailes e o theatro, e verá o desmentido eloquente...

Violante.—Não... não... perguntarião e sauerião quem sou... e chegarião ao conhecimento da minha herança de quinhentos contos de réis...

Clemencia.—Que importa isso?

Violante.—Não quero expór-me a roubar-te os namorados.

Clemencia.—(Desatando a rir) Ah! ah! ah!

Braz.—Não ria: juro que a madrinha seria sua rival preferida por muitos.

Clemencia.—(Rindo-se mais) Ah! ah! ah!...

Braz.—Preferida, mostrando-se mesmo de touca e oculos, como está.

Clemencia.—(Rindo cada vez mais) Ah! ah! ah!

Violante.—Estás me provocando!

Clemencia.—Que extravagante idéa!

Braz.—Caso de aposta...

Violante.—Braz... se não fosse o ridiculo!

Braz.—Vale a pena pela lição.

Violante.—Aposto.

Braz.—Designa o seu mais ardente apaixonado! (a Clemencia).

Clemencia.—Um é pouco: designarei... (pensando) tres: não bastão?

Violante.—Que batalhão tem ella!

Clemencia.—E quem perder a aposta?

Violante.—Recolher-se-ha ao convento d'Ajuda por dous annos: eu farei todas as despezas, perca quem perder.

Clemencia.—Aceito, reservando-me o direito de perdoar.

Braz.—(Pondo a mão no hombro de Clemencia) Coitada da recolhida!

SCENA IV

Violante, Braz, Clemencia e Mario.

Mario.—Titia! (*Beija a mão a Violante.*) Sr. Braz! (*Aperta a mão de Braz.*)

Clemencia.—Vens de má cara. (*Aperta-lhe a mão.*)

Mario.—Fui á um almoço dado á Ristori: antes lá não fosse: eramos trinta os festejadores do genio... e dos trinta vinte e nove titulares, commendadores, ou filhos de barões e de viscondes, de homens altamente condecorados... a unica excepção fui eu...

Braz.—Desataste á chorar...

Mario.—Eu tenho idéas... declarei-me republicano; era um recurso...

Braz.—E chamão tolo ao Mario!

Mario.—Tolo?... mas isto não deve continuar assim: é indispensavel que nos enobreçamos, para que eu não torne a ser excepção, e para que Clemencia case com algum titular, ou pelo menos capitalista rico.

Clemencia.—Obrigada; não preciso...

Violante.—Como porém se ha de improvisar a tua nobreza, cabeça de vento? nossa familia foi sempre honrada; mas nem de longe tem cheiro de fidalguia: meu avó foi alfaiate, e com fama de boa tesoura...

Mario.—Ninguem mais se lembra delle, e a titia, em vez de recordar essa desconolação, bem podia resolver o problema.

Violante.—Como?

Mario.—Que falta lhe fazem dez ou doze contos de réis? com elles dados ao thesouro meu pai ficava em quinze dias barão da guerra, ou barão do hospicio...

Braz.—Mas o teu republicanismo?

Mario.—Deixei-o no almoço: a titia ha de pensar na hypothese: agora tenho outros cuidados. Clemencia, é imprescindivel que eu depenne o jardim... preciso de um cesto de flôres... consentes?

Clemencia.—Que ha?

Mario.—Uma atrocidade. Certa sucia, indigna quadrilha de perversos, pretende esta noite patear a mais bonita dansarina do alcaçar; é verdade que ella dança horrivelmente; mas é o mesmo: os *habitués* de bom gosto vão defendê-la, e haverá chuva de flôres, e tempestade de murraças: não posso faltar...

Clemencia.—E' parvoice e escandalo brigar por semelhante gente.

Mario.—Não é da tua conta: quero um cesto de flôres.

Violante.—Não has de ir.

Mario.—Hei de, titia; é ponto de honra. Clemencia, manda depennar o jardim.. dous cestos não serão de mais... até já... vou ver Hypogripho...

SCENA V

Violante, Braz, Clemencia, Mario (que hia sair e volta)
Casimiro, Irene e Lauriano: logo depois creado que traz o café, de que todos se servem.

Braz.—(A Mario) Não vais ver o Hypogripho?

Mario.—(A Braz) Esta moça é até capaz de fazer-me esquecer o meu cavallo.

Casimiro.—Trago para o jardim a rainha das flôres. (Comprimentos de todos.)

Mario.—(A Lauriano) Disserão-me que o folhetim da *Reforma* sobre as ultimas corridas do Prado sahio da sua penna?

Lauriano.—(A Mario) Um rude ensaio... não entendo da materia... desculpe o folhetim...

Mario.—(A Lauriano) Ao contrario, admiravel! obrigadissimo por Hypogripho!

Clemencia.—(A Lauriano) Li o seu folhetim, e gostei muito; obrigada por Mario.

Casimiro.—(A Irene) Espanta-me que elles possam pensar em outra cousa que não seja a sua formosura!

Irene.—(A Casimiro) O senhor teima em zombar de mim. (Trocando um olhar com Mario.)

Violante.—(A Braz) Braz, no meu tempo não era assim: por fim de contas olha a cara desfructavel de Casimiro.

Braz.—(A Violante) No seu tempo não era assim; mas era de outro modo, que vinha a dar na mesma cousa.

Clemencia.—(Levando Irene pelo braço) D. Irene, você passa a noite conosco?

Irene.—(A Clemencia) Não posso: Lauriano tem trabalho urgente, e minha mãe não permite que eu fique sem elle.

Clemencia.—(A Irene) Além da felicidade da sua companhia, só você, ficando conosco, poderia conseguir obstar uma grande imprudencia...

Irene.—(A Clemencia) Qual?

Casimiro.—(Indo a Irene) Protesto contra o monopolio: Clemencia não tem o direito de usurpar-nos D. Irene. (Traz Irene a sentar-se e conversa com ella.)

Mario.—(A Braz) Não acha que meu pai está cahindo no ridiculo? (A Lauriano) Magnifico folhetim! venha amanhã á tarde visitar Hypogripho.

Clemencia.—(A Lauriano) Dá-nos a sua companhia esta noite? esperamos algumas familias amigas: o seu sacrificio será mais suave.

Lauriano.—(A Clemencia) As familias que espera serão por certo muito amaveis; mas só por quem tão cativadora me falla o sacrificio é não poder ficar.

Clemencia.—(A Lauriano) Sei que trabalha assiduo, e que hoje tem apressada tarefa: mas eu sou egoista, e apraz-me experimentar o que mereço: demore-se aqui até a meia-noite, ainda que depois trabalhe até o romper da aurora.

Lauriano.—(A Clemencia) Se eu chegasse a acreditar que o deseja!

Clemencia.—(A Lauriano) Gosto de ser despota: ordeno.

Lauraino.—*(A Clemencia)* E o escravo obedecerá feliz.

Violante.—*(A Braz)* O que observo me põe a cabeça á roda. *(A todos)* E' quasi noite... porque não entramos?... *(Levantão-se todos.)*

Clemencia.—*(A Irene)* Seu irmão fica : é necessario que Mario não nos deixe : esta noite haverá desordem no alcaçar, e elle quer ir...

Irene.—*(A Clemencia)* Desordem... no alcaçar?... pois 'não ha sempre?... *(A Mario)* Quando ha novas corridas, Sr. Mario?

Mario.—D'aquí a dous mezes... V. Ex. irá ao Prado?

Irene.—Desejo muito : Lauriano prometteu levar-me.

Mario.—Sublimisarei Hypogripho...

Irene.—*(Mais baixo)* Sinto-me ditosa, porque vou passar a noite em sua casa...

Mario.—*(A Irene)* Logo esta noite... quando um ponto de honra me aparta...

Irene.—*(A Mario)* Ah!... perdão... não ousou pedir-lhe a preferencia de algumas horas que me aditarião... sei bem que pouco valho...

Casimiro.—*(A Braz)* Mario tem tomado uns modos tão inconvenientes que começa a desagradar-me... não reparas!

Braz.—*(A Casimiro)* Estou vendo... é claro que elle gosta da viiznha : pendor da familia!

Irene.—*(A Mario)* Se eu tivesse poder sobre o senhor, exigiria que ficasse...

Mario.—*(A Irene)* Exige de um soldado a deserção na hora da batalha ! esperão-me, D. Irene ; palavra de honra que contão commigo...

Casimiro.—Não vais hoje ao alcaçar, Mario ?

Mario.—*(A Braz)* Já vio esta?... *(Alto)* Não, senhor ; hoje passo a noite em casa : meu pai quer o meu bilhete?...

Casimiro.—Esqueces que hoje a noite é de recepção, adoudado ?

Mario.—Ah ! é verdade ! mais uma razão para que eu não saia de casa.

Violante.—*(A Braz)* Braz ! Braz ! por fim de contas no meu tempo não era assim.

(Vão-se todos para a casa ; Braz conduz Violante, Lauriano acompanha Clemencia, Mario apodera-se de Irene, Casimiro de máo modo segue perto destes dous.)

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO II

PASSEIO PUBLICO DO RIO DE JANEIRO: AO FUNDO O OUTEIRO DOS JACRAËS, TENDO AOS LADOS AS ESCADAS QUE DÃO SUBIDA PARA A VARANDA: NOS PLANOS ATÉ A FRENTE QUANTO SE PUDE APROVEITAR, COPIANDO O SITIO.

SCENA I

Violante e Braz, Clemencia e Augusto, Casimiro e Porfirio:
até o fim do acto concurso de passeiadores de ambos os sexos.

Violante.—Quero descansar aqui por alguns minutos.

Casimiro.—Liberdade plena: subo com Porfirio ao terraço... gosto muito da vista da barra. *(Segue com Porfirio.)*

Clemencia.—Eu vou com o Sr. Doutor até a ponte rustica. *(Segue com Augusto.)*

Braz.—Cuidado não caia, D. Clemencia; o corrimão da ponte está meio estragado.

Augusto.—*(A Clemencia)* Aquillo é commigo.

SCENA II

Violante sentada, Braz em pé.

Braz.—Aquelle sujeito que acompanha Clemencia é um dos tres namorados da aposta.

Violante.—Teimas em querer envolver-me em semelhante embulhada?

Braz.—A madrinha teve sempre quêda para pregar peças; ensaie esta comedia: basta que se finja disposta a casar-se, que se mostre um pouco sensivel, que... et coetera... et coetera.

Violante.—Por fim de contas tenho sessenta e dous annos: é inverosimil.

Braz.—Inverosimil! com quinhentos contos e depois dos cincoenta annos quanto mais velha mais noivos a escolher... pela regra das probabilidades...

Violante.—Mas os tres designados amão Clemencia apezar de pobre.

Braz.—Não amão, namorão : a differença é enorme.

Violante.—Queres por força que eu me abaixe a parecer velha ridicula e nescia ?

Braz.—Por oito dias só : verá o ensino que daremos e a confusão que irá pela casa.

Violante.—E no fim ?

Braz.—Haverá desengano de tolos e abatimento da vaidosa.

Violante.—Braz, eu não gosto de brincar ; quando porém me atiro á zombaria é como no tempo em que jogava o entrudo.

Braz.—E assim é que deve ser ; começaremos hoje, e aqui mesmo. *(A um homem que passa)* Humilde servo de V. Ex... *(Comprimento-se.)*

Violante.—Quem é ?

Braz.—Um candidato á concordata proxima, ou á fallencia que deixa inteiro o quebrado : a madrinha não comprehende ? pois eu lh'o explico de modo tão lucido que no fim da explicação ainda menos entenderá.

Violante.—Ora venha mais essa.

Braz.—Ha quebrar, e quebrar : quebrar direito que deixa um homem sem serventia : é o infortunio de banqueiros e negociantes honrados, a quem prejuizos inevitaveis e os desconcertos de muitos arrastão fatalmente para ruina immerecida : esses são uns patetas, que a sociedade castiga com o menoscabo, porque ficão pobres : quebrar torto é outra cousa : é uma sorte de equilibrio, em que o bom gymnastico se entorta, fingindo cahir para levantar-se mais direito. Entendeu ?

Violante.—Von percebendo, Braz.

Braz.—Pois é a estes que me refiro : concordata quer dizer a discordancia afinada entre o devedor e os credores : fallencia quer dizer grande sobra realizada pela magica da rebentação : exemplo : este meu amigo deve á praça mais de quatro mil contos e calcula suavemente com o sacrificio de quinze por cento para consolação dos credores ; mas pôde crer que elle fica inteiro depois de quebrado, e que por isso a sociedade ha de comprimenta-lo com todo o respeito. *(A um velho e uma joven que passam)* Escravo submisso da excellentissima !... senhor commendador, sempre a reforçar ! *(Comprimento-se.)*

Violante.—A filha deste velho é bem bonita !

Braz.—Vinte e um annos e sua esposa ha dous.

Violante.—Que !

Braz.—O meu amigo commendador é menos velho do que parece : não lhe pesão os setenta annos que completou ha oito dias : o santo homem é um pouco muzulmano : passando ás suas quintas nupcias ao desposar aquella moça, nem por isso emendou-se dos costumes antigos ; mudou de odalisca ha tres mezes e entretém com prodigioso luxo uma menina de dezeseis annos comprada á miseria de seus pais. Ah ! esquecia-me de prevenir á madrinha que elle conta numerosos e jovens amigos.

Violante.—E a pobre da mulher ?

Braz.—Inviolavel e sagrada : vive abeçoando com ambas as mãos á odalisca, e tem um primo, doutor em medicina, que receita ao velho marido passeios frequentes e distracções fóra de casa.

Violante.—Que lingua envenenada !

SCENA III

Violante, Braz, Clemencia e Augusto

Clemencia.—A titia já viu o peixe boi?**Violante.**—Ainda não : vens apresentar-m'o ?**Clemencia.**—O Sr. Braz pôde encarregar-se disso : agora vou ao terraço ver o mar.**Augusto.**—O mar ?... é a imagem da inconstancia : não se espelhe no mar. (*Vão-se.*)

SCENA IV

Violante e Braz

Violante.—E por fim de contas Casimiro como abandona assim a filha ?...**Braz.**—Casimiro não abandona, confia a filha : elle tem mais que fazer, e nós tambem : reparou que Clemencia trazia na mão um ramalhetinho de violetas ?**Violante.**—Reparei...**Braz.**—Pois agora é o Dr. Augusto que o traz ao peito.**Violante.**—E' escandaloso ! de dia tão claro !... no meu tempo não era assim.**Braz.**—Já sei : no seu tempo era de noite que se davão os ramalhetes ; mas d'aqui a pouco darei ao Dr. Augusto informações da madrinha : creio que logo depois um passeio pelo braço desse cavalheiro lhe fará bem, e... se a madrinha não fór péca, o ramalhetinho de violetas será seu.**Violante.**—Isso tenta... Braz, penso que começa a desmoralisar-me.**Braz.**—Será uma victoria digna dos seus oculós e da sua touca.**Violante.**—Do meu dinheiro, queres dizer.**Braz.**—A palavra tem o seu pudor, disse Lamartine ; eu respeito as conveniencias. (*Vendo passar uma moça*) Olá ! temos revolução no jardim !ahi vai a Acobrata.**Violante.**—Que é a Acobrata ?**Braz.**—Uma das vinte desmentidoras da molestia da época : uma das vinte pestes que dão publico testemunho da saude perfeita da situação economica. Brada-se por toda parte : « não ha dinheiro ! » oh ! se ha ! e sobra tanto que ás mãos cheias se atira no lenteiro.**Violante.**—Como é isso ?**Braz.**—Como esta mais dezanove no galarim : carros com parelhas magnificas, cada dia novo e riquissimo vestido, perolas, brilhantes, cincocenta contos por anno multiplicados por vinte, mil contos dados ao culto do vicio torpe, afóra as céas e orgias, afóra a millenaria escala

da lubricidade que vai descendo até a ralé da infamia. E não ha dinheiro l mentira : prova da mentira ; a Acrobata pela vigesima parte.

Violante.—Então... essa desgraçada creatura...

Braz.—Delirio de solteiros e casados, de rapazes e de velhos : a Acrobata é o typo da unidade e da caridade ; da unidade, porque bebe, come, sonha, deseja, e exige sempre uma cousa unica — dinheiro : da caridade, porque ama sem excepção e com perfeita indifferença a todos que lhe dão — dinheiro. A Acrobata é um prodigio : madrinha, subamos á varanda, acompanhemos a Acrobata.

SCENA V

Violante, Braz, Leopoldo e Thimoteo

Thimoteo.—(A Leopoldo) O peixe boi sahio do lago para conversar com o Braz de Souza.

Leopoldo.—(A Thimoteo) Com effeito é a velha mais horrivel que tenho visto : é uma coruja monumental promovida pelo demonio á velha creatura humana.

Braz.—Preclarissimos amigos ! (Comprimentão-se.)

Thimoteo.—Sr. Braz ! minha senhora !

Leopoldo.—Minha senhora ! (A Braz) Como passou de hontem ? adivinha-se... perfeitamente ditoso...

Braz.—(Apresentando) A Sra. D. Violante, irmã do nosso amigo Casimiro.

Thimoteo.—Oh ! minha senhora.... tenho muita honra.. (Falla a Violante)

Leopoldo.—(A Braz) Mas... é um dragão de feia !

Braz.—(A Leopoldo) Não me desanimfes... estou apaixonando-me : onde a vês, é solteira ainda, e herdou ha quatro mezes de um tio e padrinho a insignificancia de quinhentos contos de réis.

Leopoldo.—(A Braz) Um ! meio milhão ! (Olhando) reparando-se bem, não é tão feia, como á primeira vista me pareceu : os oculos e a touca dão-lhe até certa graça...

Violante.—Vamos, Braz. (Comprimenta aos dous.)

Braz.—(Aos dous) Até logo. (Indo-se com Violante) Já deixei um iscado.

Violante.—(A Braz) Quem ?

Braz.—(A Violante) O de *pince-nez* : é dos tres designados por Clemencia. (Vai-se com Violante)

SCENA VI

Thimoteo e Leopoldo

Thimoteo.—Ainda não vi a tua bella Clemencia ; mas a horrorosa tia nos garante o feliz encontro : a tia é a noite que precede a aurora.

Leopoldo.—A noite... eu gosto da frescura da noite... porém a aurora não tarda a apparecer, e é bella como os amores...

Thimoteo.—E leviana, inconstante, como as borboletas: olha, ha mais namorados de Clemencia do que candidatos ao throno de Hespanha. Eu não me casava com ella.

Leopoldo.—Nem eu: quem pensa em casamento! com uns cincoenta contos de réis de dote seria ouro sobre azul; mas pobre, como é afigura-se-me um banco de emissão sem fundo de reserva metalico.

Thimoteo.—E neste maldito tempo, em que andão todos á bolina, furtando o vento...

Leopoldo.—E' verdade, não ha casa solida: a minha começou, que era á quem mais cahia com o mel! mas a estagnação do commercio! os sustos e as concentrações do banco do Brazil, que d'antes consolava a gente! a casa ainda vai bem, vai muito bem; mas se eu ageitasse uma noiva que me enchesse os olhos com o dote, eim?...

Thimoteo.—Para que então perdes o teu tempo com Clemencia?

Leopoldo.—Ora! ella é que o perde commigo: eu divirto-me: namoro-a pela mesma razão por que vou ao theatro, ou ao circo da Guarda-Velha. Se ao menos a tia desse a quinta parte do que possui á sobrinha!

Thimoteo.—Pois a tia é rica?

Leopoldo.—Meio milhão!... quinhentos contos de réis de herança, diz o Braz.

Thimoteo.—Meio milhão! é caso de bater bandeiras: quinhentos contos! que senhora de bem! vale quinhentas vezes mais, do que a sobrinha!

Leopoldo.—Se o Braz não mente, vale. Uma velha bem velha, se é rica, é preferivel á moça mais formosa precisamente porque é a precursora infallivel da moça formosa.

Thimoteo.—Não entendo; mas concordo pela regra da preferencia.

Leopoldo.—A moça tem longa vida diante de si e não morre nem a poder de cêas, de vigílias, de constipações, de indigestões, do diabo, e portanto significa um casamento sem probabilidade de vituvez: a uma noiva bem velha e bem rica enche-se de brilhantes, leva-se a todos os bailes e a todos os theatros, dá-se-lhe sorvetes quando o calor excita mais a transpiração faz-se cêar *mayonaise*, perú á *Eglantine*, fiambre e cabeça de porco, até que uma boa indigestão a livre dos trabalhos deste mundo, ficando o marido com o testamento que arranjou, e então elle se consola da morte da velha enfeitando-se com uma noiva moça e bonita... bem entendido, se a fortuna não lhe depara segunda velha ainda mais rica. Vames procurar Clemencia. *(Vão-se)*

SCENA VII

Mario, Polydoro, logo a Acrobata e immediatamente Casimiro e Porfirio

Polydoro.—A Acrobata é bonita rapariga; mas eu prefiro o amor platónico e as emoções do *lasquet*.

Mario.—Vai pois ver as damas dos teus baralhos, e deixa-me apanhar de surpresa a Acrobata, e na passagem tomar-lhe contas de certo logro. *(Occulta-se.)*

Polydoro.—*(Afastando-se)* Ah! vem ella. *(Para e espera.)*

- Acrobata.**—(A um mocinho que lhe sorri) Cresça e appareça.
Casimiro.—(A Porfirio) Violante e Clemencia nos seguem? (Polydoro faz debalde signaes a Mario.)
Porfirio.—(Olhando para trás) Não (Continuão os signaes de Polydoro.)
Casimiro.—(Quasi junto da Acrobata) Ficas esta noite em casa?
Acrobata.—Isso é conforme: em todo caso não dormirei na rua.
Casimiro.—Vai passar pelo outeiro...
Acrobata.—Queres dar-me cerveja? (Mario e Casimiro esbarrão-se um com o outro) Adeos, pequeno! (Rindo-se.)
Casimiro.—(A' Porfirio) Evidentemente o Mario está muito demoralisado!... começo a suspeitar que até me espia! (Desapparece a Acrobata)
Mario.—(A' Porfirio) Meu pai está perdido: é de uma inconveniente que me vexa: (Indo-se)
Polydoro.—Já tinha idade para limitar-se ao lasquet. (vão-se os deus)

SCENA VIII

Casimiro e Porfirio

Casimiro.—O tratante vai sem duvida encontrar-se com a Acrobata: não posso, não devo segui-la: seria indecoroso. Mas donde tira elle dinheiro, chave de ouro para abrir a porta do inferno daquelle demonio?

Porfirio.—Ah! Casimiro! estas mulheres são perversas: na gíria dessas harpias os mocetões da nossa idade têm um nome horrivel, um nome com cheiro de armazem de seccos e molhados.

Casimiro.—Que nome?

Porfirio.—Paços, a explicação tu sabes.

Casimiro.—Mas a Acrobata é uma perdição... e demais está na moda... confesso-me daudo por ella. Aquillo é uma centopêa de encantos!

Porfirio.—E a linda Irene?

Casimiro.—Amor de outro genero... loucura de outra especie...

Porfirio.—E ella... vai-se abrandando... pendendo... cahindo?

Casimiro.—Exagera o recato: creio que é porque ainda não lhe fallei em casamento.

Porfirio.—E que demora é essa tua?

Casimiro.—Sabes que sou o modelo dos pais: hesito em dar ma-drasta a meus filhos,

Porfirio.—Quem diz que te cazas? prometter não é cumprir. Irene, rapariga pobre, depois de seduzida julgar-se-hia feliz, tendo casa e tratamento sob a protecção e os cuidados do teu amor. Eu, apesar de casado, não tive duvida em arranjar uma dessas distracções.

Casimiro.—E a comadre?

Porfirio.—Consola-se com os filhos e nada lhe falta: aos cincoenta e dous annos perdeu o direito de oppôr embargos: é guarda nacional da reserva.

Casimiro.—Ah! Porfirio! se ella te ouvisse...

Porfirio.—Rufa em casa, como um tambor; por isso ando sempre por fóra: tu estás em melhores condições, és viuvo: faze o que te disse: Irene é uma economia, porque te fará esquecer a Acrobata

- Casimiro.**—(*Suspirando*) Ah! se eu fosse rico...
- Porfírio.**—Que farias?
- Casimiro.**—Tomava ambas: eu adoro o bello sexo.... é o meu fraco :todavia:.. pensarei no teu conselho... mas...
- Porfírio.**—Que é?
- Casimiro.**—E o Sr. Mario eclipsoou-se!
- Porfírio.**—Naturalmente: elle o sol, a Acrobata a lua, tu ficas sendo terra: deu-se o eclipse:
- Casimiro.**—O que me espanta é a desmoralisação da mocidade!
- Porfírio.**—Tens razão; porque os velhos, como nós, dão aos moços o exemplo da mais austera virtude: ora viva lá! sejamos francos: são os pais que deitão a perder os filhos: tem paciencia, e vamos vêr as moças. (*vão-se*).

SCENA IX

Violante, Braz, Clemencia, Augusto e Leopoldo.

- Clemencia.**—Como são bellos os cysnes! que collos magestosos!
- Leopoldo.**—Ha quem tenha mais admiravel pescoço.
- Clemencia.**—Póde-se saber quem é?
- Leopoldo.**—E' segredo meu; mas todos os dias por mais de uma vez lh'o revelão.
- Clemencia.**—Já advinhei; mas desconfio do revelador.
- Leopoldo.**—Porque?
- Clemencia.**—O meu espelho deixou-se corromper pela lisonja (*conversão*).
- Braz.**—(*A Violante*) O doutor já está harpoado: não perca tempo.
- Violante.**—(*A Braz*) Por fim de contas vou entrar no fogo. (*Alto*) Clemencia, fica discorrendo sobre os collos dos cysnes, enquanto continuo a apreciar as reformas do Fialho.
- Braz.**—Eis o meu braço madrinha.
- Violante.**—Você nada me explica; apenas sabe maldizer do proximo: se o Sr. doutor quizesse sacrificar dez minutos á minha companhia....
- Augusto.**—Oh, minha senhora! vossa excellencia me transporta com esta distincção.

SCENA X

Braz, Clemencia e Leopoldo

- Braz.**—A madrinha commetteu dous estellionatos; um contra mim, roubando-me o seu braço, outro contra D. Clemencia, roubando-lhe o Dr. Augusto.
- Clemencia.**—Está vendo que não posso queixar-me: minha tia sómente me poupou a um embaraço de cortezia: o Sr. Leopoldo vae ter a bondade de mostrar-me o viveiro de plantas de Mr. Graziaux.
- Leopoldo.**—Abençoada seja a minha fortuna! (*vão-se os dous*.)
- Braz.**—Tambem eu abençoó a minha fortuna, que me traz d'alli o meu amigo Polydoro.

SCENA XI

Braz e Polydoro.

Polydoro.—«Ella vai-se! e com ella vai minha alma!» amigo Braz!... (*saiida*) que contraste!

Braz.—Entre ella que vae-se e eu que fiquei?

Polydoro.—Não; eu me explico: tenha na vida duas paixões, a do amor platónico e a do lasquenet: no lasquenet, quando paro mais forte, é sempre nas damas: no passeio, no baile, cortejo por devoção a todas as senhoras...

Braz.—Mas D. Clemencia...

Polydoro.—A essa amo, adoro; porém não me interrompa: nunca pensei que houvesse dama que me fizesse recuar de medo, e hoje.... aqui mesmo.... ind'á pouco.... misericórdia! sabe quem é a velha que vae pelo braço do Sr. Augusto?...

Braz.—E' dama de ouros.

Polydoro.—Como dama de ouros?

Braz.—Irmã de Casimiro, minha preclara madrinha, feliz celibatária, a quem um tio legou a quatro mezes a insignificantante fortuna de quinhentos contos de réis.

Polydoro.—Olá!... então dona Clemencia, como sobrinha, está em perspectiva de riqueza? bem o merece: é tão bella!

Braz.—Qual! a velha é um verdadeiro typo de avareza, complicada com a mania do casamento. Apesar de afilhado, acho-a medonha; mas meio milhão é dinheiro e já me apresentei candidato.

Polydoro.—E casa-se com ella?

Braz.—Quem me dera! a velha imagina impedimentos por ser minha madrinha, e, tomando-me por agente e procurador de seus cabedaes, rejeita-me como noivo. Ha dous mezes que me ferve o sangue por isso!

Polydoro.—E' uma dama de pagina muito feia e verso muito bonito! quinhentos contos de réis.... ah! eu já possui cerca de cem, e em tres annos perdi-os todos com as damas do baralho; e de fóra do baralho; mas então eu não sabia os segredos do lasquenet! ah, meu Braz! com meio milhão e bons parceiros, em um anno pôde-se ganhar nem sei-quantos milhões! a sua madrinha, não digo que seja horrivel.... digo....na verdade, aqui para nós, não é bonita; é porém sublime.

Braz.—E... «Ella vai-se: e com ella vai minha alma!»

Polydoro.—Mas o senhor, que é o procurador, o fac-totum da.... velha, tem as mãos sobre os quinhentos contos de réis....

Braz.—Martyrio de Tantaló! se eu não fosse afilhado! oh! antes não me tivessem baptizado.

Polydoro.—E todavia o senhor não joga, não comprehende as emoções do lasquenet!

Braz.—E que vem isto ao caso?

Polydoro.—E' o caso de cem sortes a dobrar! eu amo doudamente a encantadora D. Clemencia.... mas....

Braz.—E' cousa sabida: conta-se com o casamento....

Polydoro.—Sr. Braz.... a que horas pôde ser procurado amanhã para negocio importante?... os amigos devem entender-se.

Braz.—No meu escriptorio até as tres horas da tarde.

Polydoro.—Quinhentos contos de réis.... devéras?

Braz.—Palavra de honra: quinhentos contos de réis e mais alguns quebrados que não chegam a um.

Polydoro.—Que idade tem a respeitavel senhora ?

Braz.—Está quasi a completar os sessenta e tres.

Polydoro.—Não é absolutamente velha : pareceu-me que roçava pelos cincoenta : sem a touca e sem os oculos ha de ganhar muito....

Braz.—A mim se me afigura um anjo ainda mesmo de touca e oculos.

Polydoro.—Anjo de salvação é.... Sr. Braz, amanhã ao meio-dia em ponto irei ao seu encontro.

Braz.—Chiton.

SCENA XII

Braz, Polydoro, Casimiro e Porfirio

Casimiro.—(A *Porfirio*) Vês? tambem aqui não está : seguiu a Acrobata : positivamente é um rapaz de costumes pervertidos....

Porfirio.—(A *Casimiro*) Deixa-o aproveitar o seu tempo.

Casimiro.—(A *Porfirio*) Mas porque diabo ha de logo aproveitá-lo com a Acrobata ?

Braz.—Vejo que te aborrece o passeio : vens com physionomia de logrado, a quem furtarão o relógio.

Casimiro.—E' isso pouco mais ou menos : mas onde estão as senhoras ?... o tempo está se enfarruscando de repente.

Braz.—Ahi chega a primeira.

SCENA XIII

Braz, Polydoro, Casimiro, Porfirio, Clemencia e Leopoldo.
Escurece rapidamente: começa a retirar-se a gente que concorrera ao Passeio.

Clemencia.—A titia ? que é della ?...

Braz.—Ainda não voltou : o Dr. Augusto lhe está explicando as reformas do Fialho.

Casimiro.—E o tempo vai á peor : temos aguaceiro certo.

Clemencia.—O povo começa a retirar-se : ainda bem que o nosso carro está á porta do jardim.

Braz.—Ris a madrinha... e como vem alegre....

SCENA XIV

Braz, Polydoro, Casimiro, Porfirio, Clemencia, Leopoldo, Violante e Augusto.

Violante.—(Chegando-se a *Clemencia* e cheirando o ramallete de violetas) Como é suave o perfume das violetas ! gostas delle *Clemencia* ?

Braz.—(A *Clemencia*) Que ingratição ! derrota numero primeira.

Clemencia.—(A *Braz contrariada*) Como ? não ouvi : ah ! sim, ... mas a chuva... (Rompe a chover : *Leopoldo, Augusto e Polydoro abrem os guarda-chuvas e correm a Violante.*)



Leopoldo.—Minha senhora!

Augusto.—Excellentissima!

Polydoro.—Minha senhora!... (*Braz desata a rir.*)

Violante.—Basta-me um guarda-chuva!

Porfirio.—Até mais ver! (*vai-se correndo.*)

Casimiro.—Mas Clemencia está se inundando! um guarda-chuva para a menina, senhores!

Braz.—(*Abrindo grande guarda-chuva inglez.*) Eis-aqui a barraca do Braz! (*A Clemencia*) Está vendo? um velho amigo vale mais do que tres namorados. (*Multidão de ambos os sexos a fugir da chuva, uns com chapéus de chuva e outros sem elles: Violante segue enfim ao braço de Leopoldo. Polydoro tambem a serve, inclinando para a frente o guarda chuva: Augusto fazia o mesmo, mas Casimiro agarra-se a elle e o conquista d força. Braz a rir leva Clemencia desapontada. Corrida geral.*)

FIM DO SEGUNDO ACTO



ACTO III

SARÃO EM CASA DE VIOLANTE : A GRANDE VARANDA SOBRE O JARDIM QUE FICA AO FUNDO : PORTAS AOS LADOS COMMUNICANDO COM O INTERIOR DA CASA : AO LADO DIREITO PARECE FICAR O SALÃO DA DANSA E DA MUSICA.

SCENA I

Casimiro e Irene

Irene.—Basta, senhor! não posso ouvi-lo mais : até hoje tenho tolerado lisonjas que me parecião gracejos de um homem idoso a uma menina ; nem um só instante, porém, autorisei pretensões, que, ainda mesmo sendo honestas, me causarião repugnancia. Agora o senhor acaba de levar as suas impertinencias até um ponto, além do qual me aviltaria com a injuria...

Casimiro.—Calumnia as minhas intenções... attenda-me, bella Irene !

Irene.—Lembrou-me a tempo a pobreza, e a triste posição da minha familia... eu não devia ter entrado nesta casa... não é aqui o meu lugar... deixe-me... quero ir ver meu irmão.

Casimiro.—E' uma injustiça... protesto... não ha de retirar-se... não perturbará com um desgosto esta reunião...

Irene.—Deixe-me passar... senhor...

SCENA II

Casimiro, Irene e Violante

Casimiro.—Mana, reclamo a sua intervenção contra a nossa bella vizinha, que pretende retirar-se, suppondo-se com dôres de cabeça... (*A Irene*) por quem é! (*A Violante*) eu as deixo... mas você, Violante... prenda D. Irene aqui.

SCENA III

Irene e Violante

Violante.—Que tem, menina ?

Irene.—Tenho... seu irmão o disse, minha senhora... uma forte enxaqueca... eu não devia ter vindo... é castigo...

Violante.—Enxaqueca! ah! eu sei o que isso é : e por fim das contas o egoista queria obriga-la a ficar! enxaqueca! menina, vou chamar já seu irmão para conduzi-la. Coitadinha! (*Indo-se.*)

SCENA IV

Irene, Violante e Braz

Braz.—Não vá.**Violante.**—Porque ?**Braz.**—A enxaqueca de D. Irene é um pretexto generoso...**Irene.**—Senhor !**Braz.**—Não ha murmurador que não seja curioso : nas reuniões e em toda parte o meu officio é espreitar : nobre menina, eu ouvi tudo.**Irene.**—Ah !**Braz.**—Não curve a fronte, onde fulge o diadema da honestidade ; mas não ha razão nem para tanto vexame, nem para tão brava revolta.**Irene.**—Não ha razão ?**Braz.**—Madrinha, parvoices de Casimiro ! no meio de um fogo volante de juramentos de amor, o velho namorado lembrou a esta menina a humilde posição social de sua familia, e a insufficiencia de seus recursos, e procurou deslumbra-la com a riqueza que elle espera partilhar com a irmã, meio milhão ; explicou-se porém de modo, que D. Irene o entendeu mal.**Irene.**—Do que ouvi a um insulto é pequena a distancia...**Braz.**—Está confessando que não houve insulto...**Violante.**—Casimiro é tão capaz de todas as asneiras, como incapaz de uma offensa.**Irene.**—Ainda assim... devo, quero retirar-me.**Braz.**—Que teimosa ! escute : a senhora não pôde deixar-nos : a madrinha e eu formámos aqui uma especie de maçonaria, em que ninguem mais devia entrar ; a menina porém acaba de iniciar-se á força pela dignidade com que se houve repellindo Casimiro, e agora é facto consummado, está maçonica... eis o toque... (*Beija-lhe a mão.*)**Violante.**—Entendo, Braz... ella hade ficar...**Irene.**—E' impossivel... perdão, minha senhora... eu desprezo o dono desta casa.**Braz.**—D. Irene, o irmão *da dona* desta casa tem um filho...**Irene.**—Sobrinho de uma senhora riquissima, de quem será um dos herdeiros : eu o sei.**Braz.**—Meio ou muito estouvado ; mas bom e elegante rapaz, a quem uma bella e ajuizada noiva pôde bem fazer assentar a cabeça.**Irene.**—Sim... confesso... eu o amava... amo-o talvez ainda ; mas heide vencer este amor : o pai de Mario abriu-me os olhos.**Braz.**—Já não é pequeno favor : e agora com os olhos abertos que vê ?**Irene.**—Vejo o meu horizonte, e não quero sahir delle : ha certas flores que se amesquinhão, e, em vez de vicejar, desabrochão como que em constrangimento, quando a riqueza e o luxo as cultivão por meios artificiaes fóra dos seus climas : as moças pobres devem ser assim. Cada qual no seu horizonte : casamentos desiguaes são erros perigosos : procurarei um marido entre os artistas ou os operarios laboriosos.**Violante.**—Menina, meu sobrinho pertence absolutamente ao seu horizonte, menos pelo juizo e pelo labor : já vê que nem mesmo a iguala.**Irene.**—Agradecida : este amor foi para mim até hoje douda phantasia poetica : se porém amanhã o Sr. Mario me pedisse em casamento, eu o rejeitaria : perdão... quero meu pobre irmão... quero ir-me embora...

Braz.—Vamos procura-lo : aceita o meu braço ? pôde aceita-lo : não é de artifice, nem de artista, mas é de arteiro et costera...

Irene.—Seja o que quizer : tenha a bondade de me levar a meu irmão.

Braz.—Iremos pelo caminho mais longo para chegar mais depressa: até já, madrinha ; verei se consigo serenar este anginho encolerizado. menina, fui amigo de seu pai... no outro tempo... (*indo-se com Irene*): antes não tivesse sido, e contasse trinta annos de menos... porque em tal caso, palavra de honra, tomava a enchô de carpinteiro. ou o buril de estatuário, para viver no seu horizonte. (*Vão-se os dous.*)

SCENA V

Violante e Augusto

Augusto.—Emfim, minha senhora, a fortuna, desde duas horas lencio, me depara o ensejo mais ardentemente almejado.

Violante.—Para que, Sr. doutor ?

Augusto.—Para assegurar á V. Ex. a profunda energia do terno sentimento que me inspirou e a pureza das minhas intenções...

Violante.—Eu não comprehendo... e a perturbação... o vexame... seria possível, Sr. doutor ?

Augusto.—A minha maior gloria fóra merecê-la em casamento...

Violante.—A proposição me lisonjêa... mas quando penso que vou fazer sessenta e tres annos d'aqui a dous mezes.

Augusto.—Diana de Poitiers era bella nessa idade e Ninon de Lencios inspirou ardente paixão aos oitenta annos.

Violante.—Por fim de contas não conheci essas senhoras...

Augusto.—E' natural ; ellas floresciaão em outros seculos.

Violante.—Mas aposto que não usavão, como eu, de oculos e touca : ah, Sr. doutor, quando o considero tão joven e tão bonito, com tanto direito a ser esposo de alguma linda moça...

Augusto.—Não me conhece ainda : joven, tenho já austeros costumes : aborrecem-me essas meninas, para quem a vida consiste em vaidades e loucuras : o meu bello ideal é a magestade da senhora que passou além dos limites da idade dos desvarios : excellentissima, nós nascemos um para o outro : V. Ex. é para mim o paramo da vida tranquilla, a beatificação pela serenidade : eu sou o desinteresse que assegura a dedicação, o amor que garante a felicidade, e a sciencia do direito que defenderá sem ambição a sua fortuna ameaçada pelos velhacos que enchem o mundo, e dos quaes sou mortal inimigo.

Violante.—Eu me sinto commovida... a ventura é tão grande... tão inesperada...

Augusto.—(*Ajoelhando-se*) Oh ! serei pois tão ditoso !... (*Beijando a mão de Violante*).

Violante.—(*Suspendendo-o*) Tenha dó da minha reputação... e dos tormentos do meu pudor : o seu pedido exige reflexão... deixe-me pensar... agora não estou em mim... mas... aqui mesmo... nesta varanda, receberá a minha resposta ás duas horas da madrugada em ponto.

Augusto.—Que barbaro adiamento da bemaventurança que me sorria...

Violante.—Tambem a mim me custa... creia : dou-lhe a mão a beijar para consolar-nos... mas depressa... que não chegue alguem...

Augusto.—(*Beijando a mão*) Delicia ! delicia !

Violante.—Ahi vem minha sobrinha..

Augusto.—Até ás duas horas. (*Vai-se.*)

SCENA VI

Violante e Clemencia

Clemencia.—Muito bem, titia !

Violante.—Estavas me espiando ?

Clemencia.—Para que ? a sua apparente victoria é manifesta : ha meia hora Leopoldo, que simula desdenhar-me, fez-lhe em um passeio proposição semelhante á dô Dr. Augusto e recebeu a mesma resposta.

Violante.—Por fim de contas uma hora antes Polydoro foi o primeiro.

Clemencia.—Acredito ; mas porque a titia marcou aos dous e talvez tambem a Polydoro o mesmo lugar e a mesma hora para a decisão ?...

Violante.—Para te chamar e te pedir que me aconselhasses na escolha do noivo.

Clemencia.—Está pois resolvida a casar-se ?

Violante.—Que pergunta ! falla a verdade : no meu caso que farias ?...

Clemencia.—Não sei responder, porque ainda não tenho a sua idade.

Violante.—Fica pois sabendo que para a mulher o casamento é aos dez annos um brinquedo, aos quinze sonho dourado, aos vinte empenho afflictivo, aos trinta sêde devoradora, aos quarenta desesperado desejo, e aos sessenta e d'ahi por diante mais do que paixão, desatinada furia : faze idéa, como estou entusiasmada ! Clemencia, em signal de regozijo, proponho-te a annullação da nossa aposta.

Clemencia.—Rejeito esse favor, e peço outro : rogo-lhe que me conceda uma dilação.

Violante.—Dilação de que ?

Clemencia.—Da escolha do seu noivo : se se julga invencivel, dê-me oito dias e verá que reconquistou os meus tres apaixonados.

Violante.—Oito dias é impossivel : morro por casar-me : tu não me concederias oito horas : eu cedo tres dias á tua louca vaidade.

Clemencia.—Tres dias ?... aceito. Confio na sua palavra ; mas trema, titia, porque perdeu as suas vantagens. Veja bem, que tenho tres dias. (*Vai-se.*)

Violante.—Eu te daria trezentos sem receio de ser vencida. (*Vai-se.*)

SCENA VII

Polydoro e Leopoldo

Leopoldo.—O seu procedimento não é de amigo ; parece antes verdadeira traição.

Polydoro.—Em primeiro lugar, amigos amigos, negocios á parte : em segundo, qual de nós pôde mais queixar-se do outro ?

Leopoldo.—Eu, que me apaixonei por D. Violante logo que lhe fui apresentado, logo que a vi, logo, logo...

Polydoro.—E se eu lhe dissesse que por ella me apaixonei antes de tê-la visto?

Leopoldo.—E' inverosimil: eis a prova da sua deslealdade comigo.

Polydoro.—Sr. Leopoldo, estamos sós: deixemo-nos de historias: não ha deslealdade, nem amor pela velha em nenhum de nós: o que ambos queremos é pescar o meio milhão.

Leopoldo.—(*Batendo no hombro de Polydoro*) Maganão! como é despachado! pois sejamos amigos: embora eu não seja ambicioso, como o senhor, achando-me namorado de D. Violante, mas respeitando os seus calculos, proponho-lhe que abandone o seu projecto de casamento, e se eu me casar com a velha dar-lhe-hei cinco por cento do que ella teve em legado.

Polydoro.—Aceite a mesma proposição, tal e qual.

Leopoldo.—Mas então o senhor é um homem intransigivel!...

Polydoro.—Faço-lhe a mesma observação, tal e qual.

Leopoldo.—Deste modo nunca nos entenderemos.

Polydoro.—Parece.

Leopoldo.—(*Batendo-lhe no hombro*) Maganão! sejamos amigos eim? transacção aceitavel: de nós dous o vencedor, o feliz, indemnizará o outro com os taes cinco por cento, pagos oito dias depois do casamento com a velha; eim?

Polydoro.—Ha perfeita igualdade nas condições: salvão-se as entradas, como se diz no empate do trinta e um. Convenho. Palavra de honra?

Leopoldo.—Na praça só o escripto obriga: assignaremos um contracto bilateral feito em regra e capaz de apparecer.... porque....

Polydoro.—Perfeita igualdade de condições: convenho.

Leopoldo.—Estamos de accordo. Maganão! e conto vai de esperanças? vejo bem que a velha está pendendo para o seu lado....

Polydoro.—Qual! arrepia-se quando lhe fallo em amor; mas hei de teimar....

Leopoldo.—Que diabo! então é uma fortaleza: commigo é dura e muda como um rochedo: o senhor já lhe propoz o casamento?

Polydoro.—Ora! que pergunta! e o senhor?

Leopoldo.—Eu ainda não me animei.

Polydoro.—Tal e qual como eu!

Leopoldo.—Maganão!... creio que é melhor irmos dansar.... mas sempre amigos....

Polydoro.—Perfeita igualdade de condições: convenho. (*Vão-se.*)

SCENA VIII

Violante e Lauriano (*Ouve-se o canto de uma senhora.*)

Violante.—Conhece aquella senhora que canta?...

Lauriano.—De nome e de pessoa; mas não tenho relações com a sua familia.

Violante.—Admira que a não felicite com a sua amizade: dizem-me que ella é disputada pelas mais escolhidas sociedades.

Lauriano.—Eu não frequento as sociedades: por excepção vim aqui: sou muito pobre para subir até o mundo elegante, que custa muito caro.

Violante.—Procure enriquecer depressa: o trabalho não basta para tanto; mas com o seu merecimento bem pôde fazer casamento rico.

Lauriano.—As moças ricas não olhão para mim... eu tambem não penso em amar inutilmente alguma dellas...

Violante.—Ha casamentos de conveniencia, em que uma senhora, ainda mesmo que não seja moça, pôde enriquecer um mancebo no seu caso.

Lauriano.—Na minha pobreza chegarei talvez a vender o meu relógio... que foi de meu pai; mas por certo que não venderei o meu coração.

Violante.—Quem falla em venda de coração? não exagere o milindre. Por fim de contas figuro uma hypothese: sou velha e feia, não posso pretender, nem pretendo ser amada; possuo porém avultada fortuna, e arreceio-me de parentes esbanjadores: se eu pois lhe dissesse: case commigo para amparar minha velhice com a sua amizade e com a sua paciencia, como se fosse meu filho, e em troco da sua dedicacão, do seu sacrificio, seja rico...: brilhe... goze...

Lauriano.—Ainda bem que figurou uma hypothese, minha senhora, deixando-me a liberdade de responder—não—sem a magoa de offender pessoalmente à vossa excellencia.

Violante.—E se por fim de contas não fosse hypothese? se fosse d'véras?...

Lauriano.—Ah! eu o sentiria profundamente...

Violante.—Não se afflija por isso: o que o senhor... nobremente... repugna, ha naquelle salão mais de tres que desejão e aspirão...

Lauriano.—Achará por certo mais de trinta, minha senhora: mas se eu fosse capaz de offerecer-lhe um conselho...

Violante.—Aconselhar-me-hia...

Lauriano.—A desprezar miseraveis exploradores da fortuna alheia...

Violante.—Que exaltação de conselheiro! por fim de contas explora-se de todos os modos, e eu lhe juro que por fim de contas a tia está resolvida a casar-se, e a sobrinha ficará sem a herança com que se calcula.

Lauriano.—Minha senhora... julga-me com injustiça...

SCENA IX

Violante, Lauriano, Clemencia, por um lado, Braz, por outro: Braz quer prevenir Violante, Clemencia pede que não: mimica expressiva de ambos.

Violante.—Sei aonde pega o carro... não é capaz de negal-o! por fim de contas o senhor e Clemencia namorão-se... Clemencia deixa-se namorar por todos... e o senhor? namorava-a antes de conhecer-lhe a tia velha e rica? responda por fim de contas...

Lauriano.—Minha senhora; com effeito coube-me a honra de conhecer ao mesmo tempo a vossa excellencia e a sua digna sobrinha, pela simples razão de terem vindo ha pouco menos de um mez morar juntas nesta chacara: tambem é verdade que amo D. Clemencia, a ella não me atrevi ainda a dizêl-o; mas a vossa excellencia, pois que o pergunta, declaro-o...

Violante.—Por fim de contas...

Lauriano.—Mas nem jámais pensei na herança possivel ou provavel de D. Clemencia, nem ella até hoje me deixou exaltar com a gloria do seu amor...

Violante.—Pois a herança provavel foi-se: eu caso-me; e o que posso será do marido que me aturar....

Lauriano.—Tanto melhor para mim: darei expansão ao meu amor, e a Clemencia, não rica, eu pobre ousarei confessar que a amo....

Braz.—Madrinha! eu sou fiel... attenda que a escutão....

Violante.—(*Voltando-se*) Oh!.... escutavas?... pois elle não entrou na aposta,

Clemencia.—(*A Lauriano*) Obrigada!.... e pobre ou rica... (*signal de contradansa dentro*) é a nossa quadrilha... vamos! (*vão-se ambos.*)

SCENA X

Violante e Braz

Braz.—Tambem este, madrinha?... olhe que caçava fóra da coutada da aposta!

Violante.—Foi muito incivil commigo; mas hei de ensinal-os.

Braz.—E' uma familia de originaes: não faz idéa quanto me custou reduzir D. Irene a ficar; precisei recorrer á rhetorica sentimental; ella porém jura que não torna mais a esta casa.

Violante.—Desconfio muito de tanto desinteresse e de tanta virtude: no meio da enchente da desmoralisação, não é natural a erupção de dous milagres em uma só familia.

Braz.—Isso é que é natural: devião sahir iguaes; porque a educação foi o molde.

Violante.—Tu tens quéda para estes dous....

Braz.—Conheci-lhes o pai, que era original, como elles, e a mãe é uma santa mulher, que sabe só trabalhar e rezar. Como vão os negocios? o sarão que improvisámos dá de si?

Violante.—Ferve-me na cabeça uma idéa, de que talvez te occupe depois: hoje emprezei os tres pretendentes á minha mão de esposa para receberem a minha decisão ás duas horas da madrugada em ponto aqui mesmo; cedí porém a Clemencia tres dias de dilatação....

Braz.—Foi um erro: devia tê-los negado: Clemencia tem em mente algum golpe de estado.

Violante.—Foi um acerto... eu te hei de dizer porque.... começa a ferver-me certa idéa na cabeça.... quanto ao meu triumpho, é cousa certissima.

Braz.—Madrinha, a mocidade é traquinas: e como que se entende com o diabo: uma moça experta é uma especie de estudante de saia....

Violante.—Que póde Clemencia? por fim de contas está vencida.

Braz.—Isto é como em eleições de deputados: até o lavar dos cestos ha vindima. Nas eleições de deputados ás vezes saem eleitos os que não tiverão votos: eu adivinho que Clemencia vai fazer alguma duplicata.

Violante.—Nem que faça triplicata por fim de contas.

SCENA XI

Violante, Braz, Irene e Mario *que a segue.*

Irene.—Oh! é perseguição que excede as conveniencias.... Sr. Mario....

Mario.—Appello para o juizo frio e insuspeito da titia e do senhor Braz que estão aqui... é um caso de consciencia...

Braz.—A madrinha é autoridade na materia, e eu sirvo-lhe de acolyto: pôde fallar.

Mario.—Confesso que estou um pouco fóra de mim; mas isso mesmo é melhor para o caso, porque quando estou fóra de mim, digo as cousas com franqueza....

Braz.—A conclusão é que quando está dentro de si: et coetera...

Mario.—Titia, ao começar o sarão D. Irene contradansou commigo, e mostrou-se bella... bella é mal applicado, bella sempre ella é, e agora mesmo apezar de enfadada... mostrou-se branda, suave... meiga... quero dizer, eu digo tudo... mostrou-se terna.

Irene.—Senhor!

Mario.—Que mal ha nisso? eu estava ternissimo: adianta-se a noite... peço-lhe um passeio...

Braz.—A' quem? á noite? os namorados são inimigos da gramatica.

Mario.—E D. Irene diz-me que está fatigada: enfiei; mas dissimulei: quiz conversar com ella; monosyllabou-me dous minutos de má vontade e voltou-me logo o rosto: tive um impeto; mas contive-me: ainda ha pouco emfim requeri-lhe uma valsa, note a titia, uma valsa, a pedra de toque, e sabe o que me respondeu? « não valso »; e isso com as pontinhas de uns labios enregelados: recuei espavorido... veio-me a idéa que ella tivesse torcido algum de seus lindos pés...

Braz.—E não torcêra?

Mario.—Eis a gravidade do caso: não torcêra; e logo depois a ingrata valsava, como um anjo, com um cavalheiro que me pareceu o diabo: appello para a titia: que pensa do facto?

Violante.—Que D. Irene não quiz valsar commigo, e quiz valsar com outro.

Mario.—E d'ahi?

Violante.—Ella estava no seu direito.

Mario.—Não estava: eis a gravidade do caso: eu quando estou fóra de mim digo tudo... ella não estava no seu direito; porque... ora... eu estou fóra de mim e digo tudo de uma vez... porque eu a amo, ella ama-me; por consequencia, nós nos amamos...

Irene.—Minha senhora, não consinta que o Sr. Mario abuse da minha posição...

Mario.—Que mal ha nisto? que vexame pôde haver no amor mais puro? eu o digo em alta voz: amo-a! amo-a! o que lhe tenho dito cem vezes ao ouvido, repito-o, para que todos ouçam: amo-a! a senhora tambem já me confessou que ama-me; porque então me desfeiteou e me maltrata?...

Braz.—Eu não suppunha que os estroinas chegassem a ter eloquencia: D. Irene, Mario tem razão; vá dansar com elle...

Irene.—Não dansarei mais esta noite.

Mario.—Está ouvindo? mas que fiz eu para ser tratado assim?

Violante.—Estás em maré de infelicidades, Mario: ainda não sabes de outra, cuja noticia já corre, e *terá chegado ao conhecimento de D. Irene*: falla a verdade: esperavas um pouco que te coubesse algum dia uma parte da minha riqueza?...

Mario.—Sim... titia... para que mentir? tenho imaginado isso por vezes nas horas vagas.

Braz.—Honra ao estroina!

Violante.—Pois não tornes a imaginar: vou casar-mê.

Mario.—Casar-se? na sua idade?... e ha quem... perdão, eu ia dizendo uma asneira; mas a titia está douda?

Violante.—Sinto que a minha felicidade seja um infortunio para meus parentes.

Mario.—Eu tambem sinto um pouco... é força dizê-lo; em todo caso rogo a Deos que seja feliz; mas... tornemos ao que mais importa...

Braz.—Ha então cousa que te importe mais agora?...

Mario.—Que pergunta! e o procedimento de D. Irene?

Irene.—(A *Violante*) Não sei porque suppoz que a nova do seu casamento já me tivesse chegado: eu a ignorava; V. Ex. porém é incapaz de enganar-nos: com certeza vai casar-se?

Violante.—Dentro de oito dias estarei casada.

Irene.—E a sua fortuna? e os seus parentes?...

Violante.—A minha fortuna será para meu marido a compensação da minha velhice: os meus parentes... hão de ter paciência...

Irene.—(A *Mario*) Quer valsar commigo?

Mario.—Case-se, titia! case-se! juro que seu marido não será mais rico do que eu. (*Vai-se com Irene.*)

SCENA XII

Violante, Braz e logo Clemencia

Braz.—Ah! quem me dera ser Mario et cœteral

Violante.—Acho que é fóra do natural e até uma especie de desacato haver quem ostente não dar importancia á minha riqueza!

Braz.—Madriinha... receio que a sua cabeça hoje... esteja... et cœtera...

Clemencia.—Duas horas menos cinco minutos: estou presente.

Violante.—Vem muito cheia de si... por fim de contas.

Braz.—Foi pena que não contemplasse na aposta o apaixonado que vale mais que os tres multiplicados por trezentos mil.

Clemencia.—Estava injustamente condemnado nas reflexões loucas do toucador.

Braz.—Explique-se.

Clemencia.—Por meu castigo explico-me: eu tinha medo de ama-lo; porque para marido faltava-lhe com que comprar-me brilhantes.

Braz.—E agora?

Clemencia.—Cada um tem os seus segredos: não é, titia?

SCENA XIII

Violante, Braz, Clemencia e Augusto

Augusto.—Prazo dado de amor que é tarde sempre. (*Vendo Clemencia*) Ah!

Clemencia.—Não se incomode, Sr. doutor.

Augusto.—No mais serio e estremecido empenho só me pôde alvoçar a duvida do conseguimento da gloria.

Clemencia.—(A *Braz*) Este doutor é do direito ou do torto?...

Braz.—(A *Clemencia*) Ha casos em que o direito está na tortura: este é um delles.

SCENA XIV

Violante, Braz, Clemencia, Augusto e Polydoro

Polydoro.—Dous minutos antes da hora : o relógio do verdadeiro amor anda sempre adiantado. (*A Braz*) Que faz aqui o Dr. Augusto ?

Braz.—(*A Polydoro*) Também estou desconfiado : temo que a madrinha o queira tomar por advogado et cœtera...

Violante.—(*A Clemencia*) Este nem caso fez da tua presença : reparaste ?

Clemencia.—(*A Violante*) Eu tenho a dilação, madrinha : lembra-se ?

SCENA XV

Violante, Braz, Clemencia, Augusto, Polydoro e Leopoldo

Leopoldo.—Duas horas : pontualidade ingleza : ás ordens de vossa excellencia l... (*A Polydoro*) Que significa a presença do Dr. Augusto ?

Polydoro.—(*A Leopoldo*) Baldo ao naípe ! estou in albis.

Violante.—Senhores, agradeço tanta bondade : infringindo as conveniências e os costumes da sociedade, eu os empraçei para a mesma hora e o mesmo lugar a todos tres...

Polydoro.—Tres !

Leopoldo.—(*A Augusto*) O Sr. doutor também ?

Augusto.—(*A Leopoldo*) Admira-se ?...

Violante.—E procedi assim, não para offendê-los, mas porque tive para mim que os senhores pensavão sómente em zombar de uma velha...

Augusto.—Perdão... eu protesto....

Leopoldo.—Minha senhora... reitêro a minha proposição...

Polydoro.—E eu também com o coração nos labios...

Violante.—Era o que desejava muito ouvir diante do meu afilhado e de minha sobrinha : obrigada ! agora, e isto é irrevogavel, mais tres dias para que os senhores reflectão, e para que eu também assente na minha escolha : d'aqui a tres dias pois, no domingo, os senhores terão a complacencia de vir jantar connosco, e no fim do jantar dirigirei o ultimo brinde ao preferido. (*Confusão e desapontamento dos tres.*)

Braz.—Talvez fosse melhor fazer o brinde da preferencia antes do jantar.

Clemencia.—Não, titia : os dous infelizes perderião o appetite.

Violante.—Será como disse; e até domingo reservo-me o direito de absoluto recolhimento para mais tranquilla resolver sobre a escolha.

Clemencia.—Ao menos porém até o fim do serão...

Braz.—Ei-lo que termina a galope.

SCENA XVI

Violante, Braz, Clemencia, Augusto, Polydoro, Leopoldo, galopada geral : os pares invadem a varanda por todos os lados : **Lauriano** arrebatá **Clemencia, Mario e Irene** galopão, **Casimiro** passa e volta galopando com uma joven ardor na dana. **Augusto, Polydoro e Leopoldo** cercão **Violante**.

Braz.—Eu defendo a madrinha ! não consinto que ella galope l...

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO IV

SALÃO ELEGANTE QUE ABRE AO FUNDO PORTAS PARA A VARANDA, QUE SE VE EM PARTE : JANELLAS AO LADO ESQUERDO, ABRINDO PARA O JARDIM : PORTAS AO LADO DIREITO.

SCENA I

Casimiro e Porfirio

Porfirio.—Isso não tem senso commum.

Casimiro.—Digo-te que é um dever de honra, e um recurso para a felicidade da minha vida : seguindo teus conselhos, offendi Irene, embora não ousasse deixar perceber a extrema e indigna proposição...

Porfirio.—Ellas arripião-se muito no principio ; mas acabão por ceder : teima.

Casimiro.—Não : Irene é um anjo de pureza : depois do que lhe disse, devo pedi-la em casamento : cumprirei o dever, e me farei ditoso.

Porfirio.—Irene tem dezoito annos, d'aqui a dezeseis annos terá trinta e quatro, e será ainda moça e bella : tu então contarás setenta, será invalido da patria, posto fóra do serviço activo, e apesar teu contemplado na passiva.

Casimiro.—Setenta annos!... não chego lá : quero passar em flôres o resto da vida.

Porfirio.—Darás a Clemencia madrastra dous annos mais moça.

Casimiro.—Melhor : brincarão ambas como se fossem irmãs : ellas são muito amigas : além disso... Clemencia que trate de achar marido... já é tempo.

Porfirio.—É Mario ?

Casimiro.—Conheço-lhe o carácter : é de genio revoltoso ; mas por fim obedece-me sempre : hei de convencê-lo a entrar para o seminario de S. José : com os padres lazavistas deve ganhar muito.

Porfirio.—Estás desarrazoando.

Casimiro.—Nunca tive tanto juizo : omnia : tudo me anda ás avesas : a Acrobata adoeceu de bexigas e adeos amores ! é pena : o ladrão da rapariga arrebatava ! a mana Violante está douda, e quer casar : adeos herança ! Eu ganho sufficientemente no commercio para manter com decencia e algum luxo a minha familia ; e até para capitalisar dous a tres contos de réis por anno ; mas a paixão pelo bello sexo traz-me sempre a bolsa rasa, e crea-me difficuldades. Irene é pois um sabio recurso : com os seus encantos me fará esquecer todas as Acrobatas, me consolará do casamento de Violante, e me tornará caseiro, circumpecto, grave, economico e feliz : não achas ?

Porfirio.—Acho que é uma grande asneira.

SCENA II

Casimiro, Porfirio, Braz que entra pelo fundo.

Braz.—Qual é a asneira ? são tantas ! agora serão pelo menos duas.

Porfirio.—Que lhe importa ? nós nunca podemos estar de accordo.

Casimiro.—Ao contrario : estou certo que desta vez o Braz me apoiará.

Porfirio.—Entende-te pois com elle. (*Indo-se.*)

Casimiro.—Espera : não tarda o jantar....

Porfirio.—Com o Braz á mesa a indigestão é infallivel. (*vai-se*)

Braz.—Efeito do mólho : tens medo da mostarda et cœtera.

SCENA III

Casimio e Braz

Casimiro.—Quero os teus conselhos : promettes ouvir-me e fallar-me seriamente ?

Braz.—Conforme : eu canto segundo o genero e o caracter da musica.

Casimiro.—Estou cansado de fazer loucuras improprias da minha idade : hontem fiz a ultima.

Braz.—Veremos : qual foi a ultima ?

Casimiro.—Direi depois : faço-te uma confidencia de irmão : eu amo Irene...

Braz.—Ainda hoje ?

Casimiro.—Hoje mil vezes mais.

Braz.—Ah ! de que data é a tua ultima loucura ?

Casimiro.—De hontem ; já t'o disse.

Braz.—Ah ! et cœtera : continua.

Casimiro.—Amo Irene ; mas hontem... eis a loucura... fallei-lhe de um modo de que ella justamente se offendeu... fui insensato... grosseiro....

Braz.—Até ahi muito bem pela conclusão : e Irene ?

Casimiro.—Tratou-me com o desprezo mais esmagador.

Braz.—E tu ?

Casimiro.—Choro o meu arrependimento, e adoro-a perdidamente : sem Irene continuarei a ser o que tenho sido : com Irene me corrigirei, e serei feliz ; e tendo-a... des... des... desconsiderado um pouco.. entendo que o dever por um lado e o amor pelo outro me ordenão...

Braz.—A pedi-la em casamento et cœtera.

Casimiro.—Essas tuas et cœtera me apoquentão...

Braz.—Não faças caso ; é costume : porém... essa idéa de casamento na tua idade, e no teu estado...

Casimiro.—Esquece essas circumstancias, e abstracção feita, aconselha-me.

Braz.—Ah ! abstracção feita, approvo unanimemente.

Casimiro.—Não zombas commigo ?

Braz.—De modo nenhum : postas de lado aquellas circumstancias et cœtera, approva-se por força o teu projecto.

Casimiro.—Fallas serio, Braz ?

Braz.—Não yês ? abstracção feita...

Casimiro.—Então... é o caso de me prestares o maior favor : Irene esta arrufada... se te quizesse encarregar de fallar-lhe... de convencê-la...

Braz.—Encarrego-me : conta commigo ; mas... attende : casamento de velho com menina é fazê-lo de improviso, ou falla.

Casimiro.—Eu não me sinto velho ; concordo porém, e se fosse possível... amanhã mesmo...

Braz.—Amanhã é impossível, Casimiro : ha muita obra a fazer : primeiro alcançar a palavra de Irene, depois obter todas as dispensas na Conceição : tomo tudo a mim, se é que não estás abuzando da minha simplicidade : basta que assignes os papeis que logo te darei...

Casimiro.—E's meu irmão adoptivo ; não deves, illudir-me, não podes gracejar em tão grave assumpto...

Braz.—Sou teu irmão adoptivo, lembraste-o bem : farei por tua felicidade e por tua reputação mais do que esperavas em mim.

Casimiro.—Braz ! meu Braz !

Braz.—Deixa para depois os agradecimentos : estou tomando gosto á negociação e ao serviço de que me encarregas pela mais interessante coincidência...

Casimiro.—Que coincidência ?

Braz.—No domingo a madrinha proclama o seu casamento, e no mesmo dia poderás realizar o teu ; mas... tu sabes, a alma do negocio é o segredo, e neste genero de negocios...

Casimiro.—Principalmente : ninguém me ouvirá palavra : confio em ti : farás tudo. Quanto á coincidência... se pudesses tambem convencer Violante de que não lhe está bem casar-se na sua idade... de que o ridiculo, a murmuração de todos... o mal que faz a seus parentes...

Braz.—No coração de uma velha o badalo do casamento sóa mais forte que o bombo em musica de timbaleiros : não ha esperança : *lasciate ogni speranza* : a velha entra por força a porta do inferno.

Casimiro.—Ahi chega ella.. eu vou passear pelo jardim... Violante me irrita com a sua mania : já brigámos hoje : é melhor sahir...

SCENA IV

Braz e Violante

Violante.—(A Casimiro) Póde voltar-me as costas quantas vezes quizer ! agradeço-lhe a sua auzencia...

Braz.—Madrinha !

Violante.—Pois não ! tenho passado o dia em uma roda viva : que tem elle de oppôr-se ao meu casamento ?

Braz.—Mas.. eu não a julgava com tanto talento para a zombaria ! tem tocado o sublime...

Violante.—Por fim de contas... não tornes a fallar-me assim... tenho uma idéa a ferver-me na cabeça... mandei-te chamar por isso.

Braz.—Desde hontem á noite que a madrinha me está logogryphando com a idéa que lhe ferve na cabeça : ainda bem que me mandou chamar : ás ordens !

Violante.—Como de direi, Braz ? tu és quasi meu filho, attende-me e aconselha-me ; mas... não olhes para mim com esses olhos espartados... por fim de contas metteste-me a brincar com fogo... por um lado só a idéa do meu casamento poz em furia Casimiro contra mim, e me deu a mostra do panno, e do que devo esperar destes meus parentes ; por outro lado tres moços bonitos, amaveis e cada qual mais extremo, se offerecem a proteger e a aditar meus ultimos annos.

Braz.—Madrinha... o que está dizendo... por quem é... uma senhora de tanto juízo... (*mudando de tom*) bravo, madrinha! admirável!... até a mim proprio illudia! representa perfeitamente!

Violante.—Mas não ha illusão... é a idéa que me está fervendo na cabeça...

Braz.—Estupendo! é de arrebatar! bravo, madrinha!

Violante.—Peior! queres fazer-me perder a paciencia? principias á faltar-me ao respeito!...

Braz.—Como?... pois não é graça, madrinha?

Violante.—Meu Braz, se eu não me casar, que contarei deste mundo no outro? e por fim de contas quem pôde assegurar que eu não seja amada por meu marido? e ainda não amada, elle pelo menos fingirá amar-me, e ha de cercar-me de cuidados para que eu lhe deixe toda minha fortuna: esse fingimento me fará feliz...

Braz.—Et cœtera... et cœtera...

Violante.—Não entendo.

Braz.—Naturalmente: et cœtera é grego; mas tem sua eloquencia nestes cazos.

Violante.—Eu não pensava nestas cousas: tu me espuzeste ao fogo... creaste a hypothese... fizeste-me desejar a realidade, offerecendo-m'a ou mostrando-m'a de perto!... Braz, a gente não é de ferro...

Braz.—Ah, madrinha! a serpente não pensou que houvesse tentação para a Eva de sessenta e dous annos! sou o maior tolo do Brazil!

Violante.—Reprovas tambem?...

Braz.—Não digo isso... mas reflecta por algumas semanas antes de se decidir... madrinha..., a sua idade...

Violante.—Não vem ao caso: com os annos que tenho, achei de uma vez tres pretendentes á minha mão: parte deste principio e raciocina.

Braz.—Partindo desse principio, não ha que raciocinar; é casar et cœtera.

Violante.—Pretendes metter-me á bulha?

Braz.—Qual! tenho visto disparâtes maiores: exemplo: o do... o da... o de... não acho agora exemplo; mas sem duvida haverá muitos: a madrinha quer casar? approvo: conte commigo em tudo, por tudo e para tudo.

Violante.—Eu contava tanto com os teus epigrammas como com a tua dedicacão. Agora quero de tí um favor: preciso que até amanhã á noite, me tragas informações miudas e completas sobre os meus tres pretendentes.

Braz.—Honradissimos e desinteressadissimos jovens: iguaesinhos todos tres.

Violante.—A tua voz tem um tom de ironia...

Braz.—Não, senhora; apenas fallei em gripho, como diz certo amigo: vá descansar, madrinha; amanhã lhe trarei o relatorio das virtudes e das hypotheticas fraquezas daquelles tres primores... serei leal, como sempre: vá descansar.

Violante.—Sim, e preciso bem: desde hontem que não durmo... sinto uns abalos no coração...

Braz.—Vá dormir socegada: o seu casamento se fará: et cœtera... et cœtera.

Violante.—Tu és trigo sem joio. (*Vai-se.*)

SCENA V

Braz e Clemencia

Braz.—(Acena para dentro chamando) Psio ! psio !

Clemencia.—(Dando-lhe a mão) Como passou ?

Braz.—Melhor do que merecia ; fallemos com algum cuidado... (Observando.)

Clemencia.—Que ha ?

Braz.—Virei de bordo e venho bater bandeiras ; abandonei o partido da madrinha e passo-me para o seu : não se admire, porque isto é trivial.

Clemencia.—Na minha questão com a titia dispenso absolutamente o seu apoio.

Braz.—Dê forte, que bem o mereço : mas o caso tornou-se grave ; na sua familia manifestou-se a loucura contagiosa ; é para fazer medo ! não me espantaria se hoje ou amanhã a senhora se dirigisse á minha casa para pedir-me em casamento.

Clemencia.—Tranquillise-se.

Braz.—Não posso, porque esse é o caracter da epidemia : escute, guarde segredo e auxilie-me em seu proprio interesse ; seu pai incumbio-me de pedir para elle a menina Irene em casamento.

Clemencia.—E' possível ? !!! vou contar a Mario.

Braz.—Deitaria tudo á perder.

Clemencia.—Meu pai então está doudo ?

Braz.—Se a molestia é reinante !

Clemencia.—Tem razão... gósto de Irene ; mas se meu pai m'a desse por madrastra... sim... era caso de correr á sua casa a pedi-lo em casamento... é de mais !

Braz.—Não se encolerise : ouça, o que mais me ataranta : a madrinha, que instigada por mim fizera a famosa aposta com o unico fim de castigar um pouco a sua vaidade, e de ensina-la a conhecer a torpeza de certos homens, tomou gosto ao brinquedo e quer devéras casar-se.

Clemencia.—O senhor está gracejando.

Braz.—O que eu estou é em brazas.

Clemencia.—Não... a titia diverte-se com os tres ambiciosos, e dá-me boa lição...

Braz.—Fallo-lhe como amigo, e membro adoptivo da sua familia...

Clemencia.—Mas a titia quer fazer mal a todos nós, expondo-se a muito maior mal ?... isso me afflige realmente.

Braz.—Eis-ahi pois dous casos de loucura : sou por felicidade o confidente da madrinha, e o corretor da negociação casamenteira de Casimiro ; mas preciso de auxiliares.

Clemencia.—Que posso eu fazer ?

Braz.—Muito, conforme as circumstancias : na questão paterna ha de facilitar-me hoje mesmo uma conferencia com Irene ; mas nem de leve indiciará que a não quer por madrastra.

Clemencia.—Convém prevenir Mario...

Braz.—Deseja mais um doudo na historia? a senhora é homeopatha, espera curar pelos semelhantes.

Clemencia.—Farei o que me ordenar.

Braz.—Quanto á madrinha, estou ainda a ver navios : velha com esperanza de casamento é mais teimosa que um gallo da India a brigar ; não sei que faça ; a senhora porém descobriu um recurso, que me pôde servir.

Clemencia.—Qual! estou aniquilada...

Braz.—Deixe-se de fingimentos; pediu uma dilação de tres dias; para que? preciso saber tudo.

Clemencia.—Appellação de condemnada: Mme. Dubarry com o pescoço na guilhotina dizia ainda ao algóz: «*un petit moment, monsieur le bourreau!*»

Braz.—Desconfia de mim, não é?

Clemencia.—Desconfio: se tenho um recurso, espere por elle, e vá laborando, como puder, contra a loucura da titia, se é que não veio armar-me uma cilada.

Braz.—Não tenho direito de protestar... ao menos porém trabalhemos de accordo: eu creio... mas o meu ouvido é optimo (*baixo*) são pisadas de velha: (*alto*) ella pôde dispôr de si! se fosse pobre, vocês havião de empurra-la! (*baixo*) não faça caso: (*alto*) esta opposição é pelo receio de perder a herança, com que calculavão! (*baixo*) ataque-me de rijo: (*alto*) a madrinha não precisa de tutores! (*baixo*) proteste.

Clemencia.—Pois que se case... sentirá as consequencias...

Braz.—Et cœtera.

SCENA VI

Braz, Clemencia e Violante que viera chegando.

Violante.—A senhora tambem pretende por-me impedimentos?

Clemencia.—Não, senhora; case-se, e ha de ver o que a espera: por mim já tive o que desejava, a dilação de tres dias.

Violante.—Que me importa a dilação? agora o caso é serio e nelle só o Braz goza a minha plena confiança.

Clemencia.—Mas eu não prescindo da aposta.

Violante.—Já ganhei-a, e vou deixar-te para tua consolação dous infelizes, como desprezados despojos do meu triumpho.

Braz.—(*A Clemencia*) Caracter da loucura epidemica; não apure as cousas. (*Alto*) E' o que eu dizia: a madrinha vencerá, casará, e, celebrado o casamento, haverá festa, banquete, gloria, et cœtera, et cœtera.

Violante.—Ah, meu Braz!

SCENA VII

Braz, Clemencia, Violante e Mario

Mario.—Revolução a consummar-se!

Clemencia.—Que temos?

Mario.—Sou outro, porque vou ser outro; decididamente quebrei com o meu passado: quebrei e era de razão; não era? tenho vergonha do que fui...

Clemencia.—Mario, tu nos assustas: que é que foste?

Mario.—Um vadio, o escandalo da sociedade, um traste sem prestimo: tenho vergonha... não é de razão? o que me abriu os olhos foi o sópro de um anjo.

Braz.—Explica-te, relampago!

Mario.—Ha uma hora que Irene me disse: «*Juras amar-me e que me queres por esposa: em que te occupas? qual o trabalho de que*

tirará o pão para me sustentar?... » Olhei ao redor de mim e dentro de mim, por fóra e por dentro achei-me no vacuo! Palavra de honra, tenho sido um vadio descommunal! não tenho? se são capazes digão em que me occupo... digão... digão!...

Braz.—Em trocar as pernas: é occupação de muitos outros, como tu.

Mario.—Não as trocarei mais: Irene fez-me vêr a verdade com a luz do amor.

Braz.—Pois é raro que essa luz mostre assim as cousas.

Mario.—Virtude da fonte lucifera: as Irene também são raras o caso é que consummou-se a revolução: sou outro, porque vou se outro, e não vendo hoje mesmo hypogripho, porque Irene m'o prohibio

Braz.—Nisso ella errou: conservando hypogripho, ainda pôdes desencabrestar.

Mario.—Não tenha medo: quero estabelacer-me, trabalhar e enriquecer.

Violante.—A resolução é optima: que calculas ser?...

Mario.—Se eu pudesse, seria banqueiro; mas falta-me a materia prima; não tenho riqueza... não tenho fundos...

Braz.—Que asneira, Mario! para ser banqueiro basta o dinheiro dos outros.

Mario.—Quero um mister decente: arranção-m'o? vejão se m'o arranção, e cuidado commigo, que adoro os extremos: olhem, que sou capaz de ir quebrar pedras, ou de mostrar-me puxando uma carroça d'agua.

Braz.—E não te vexarias?

Mario.—Eu, vexar-me? chapéo desabado á cabeça, blusa á operario francez, calças grossas á ilhé, sapatões ferrados á italiano, puxando o burro preso á carroça, ergueri orgulhoso a fronte ao passar diante das janellas de Irene, porque, vendo-me assim, Irene dirá: «E' por mim!»

Violante.—E nós? e o nosso vexame?

Mario.—Pois arranjem-me um mister mais decente: eu declaro que estou decididô: sou outro, porque vou ser outro: consummou-se a revolução.

Braz.—Mas onde tens o capital para comprar dous burros pelo menos, a carroça e os barris?...

Violante.—Para isso não te empresto dinheiro, não contes commigo por fim de contas.

Mario.—Nem eu preciso: vendo hypogripho: dous contos de réis... é querer.

Clemencia.—Nunca serás aguadeiro... seria um opprobrio...

Mario.—Opprobrio é ser vadio: arranjem-me occupação mais decente e mais rendosa... concedo oito dias ás vaidades de familia...

Clemencia.—Papai trata de obter para ti um emprego publico.

Mario.—Rejeito in limine por duas razões: primeira, quero estar em opposição muito independente a todos os ministerios; segunda, um aguadeiro ganha mais do que os empregados publicos de escala superior.

Braz.—Abaixo o aguadeiro! offereço-te a administração d'uma pequena fazenda de café com cincoenta escravos sob a condição de metade nos lucros.

Clemencia.—Excellente!

Violante.—Que fazenda é essa, Braz? supponho que não será a minha.

Mario.—Tambem não aceito.

Braz.—Então és incontestavel.

Mario.—Não caio nessa; fóra da cidade só casado com Irene.

Vozes (dentro).—Mario!... Mario! Mario!...

SCENA VIII

Braz, Clemencia, Violante, Mario e Casimiro.

Casimiro.—Mario, ahí estão á porta dez ou doze cavalleiros teus amigos... bradão por ti... não ouves?

Vozes (dentro).—Mario! Mario!

Mario.—Passeio official de *sportemen*... parece extraordinario e singular em S. Christovão... (*luta interior*) tentação diabolica... eu tinha dado a minha palavra!

Vozes (dentro).—Mario! Mario!...

Mario.—Hypbgripho a brilhar... vou... não vou... (*vai e volta.*)

Casimiro.—Has de ir... deves cumprir a tua palavra...

Mario.—Sou outro, porque vou ser outro... consummou-se a revolução... não vou!

Vozes (Dentro: batem com os açoites nas janelas).—Mario! mandrião! vem!

Mario (correndo á janella).—*Relache par indisposition*: hypogripho constipou-se.

FIM DO QUARTO ACTO.

ACTO V

A MESMA SALA DO ACTO QUARTO.

SCENA I

Clemencia e Braz que chega.

Braz (*Grande cumprimento*).—E' de mestra l... agora, aconteça o que acontecer, não vá pedir-me em casamento; porque se arrisca á negativa certa.

Clemencia.—Tão feia ou má sou eu?

Braz.—Nem feia, nem má; é porém um demoninho de arteira.

Clemencia.—Veremos nos resultados do artificio. Aqui todos guardão segredo: lembre-se que ante-hontem se declarou do meu partido....

Braz.—Bati bandeiras aos seus pés, estou rendido, hoje mil vezes mais.

Clemencia.—Eu o esperava anciosa para assegurar-me da sua discrição....

Braz.—Beijo-lhe as mãosinhas pela duvida.

Clemencia.—Agora.... desculpe-me.... devo completar o meu toilette....

Braz.—Bata as azas e vá já ao paraizo do espelho. (*vai-se Clemencia.*)

SCENA II

Braz e Casimiro.

Casimiro.—Braz.... Braz.... então?... fallaste-lhe de novo?..

Braz.—Tranquillisa-te, Casimiro! estás que pareces desvairado! para mim são favas contadas: ante-hontem fallei-lhe pela primeira vez e sabes já que houve trovoadas e chuva; isto é, rugidos de colera e lagrimas de dôr....

Casimiro.—Coitadinha!

Braz.—Hontem de novo ataquei a fortaleza, e, como te disse Irene defendeu-se com reticencias.... monosyllabos.... e emfim com um « *saberá mais tarde* » assobiado a tremer, que me fez ficar sabendo mais cedo....

Casimiro.—Confia talvez de mais na minha felicidade....

Braz.—Tão seguro estou de conseguir o meu fim, que, obtida a permissão da mãe e do irmão de Irene, já alcancei todas as dispensas admissíveis para o casamento... em poucos dias teremos a boda.

Casimiro.—Excellent amigo!.... mas hoje?... tornaste a fallar-lhe?...

Braz.—Não ha duas horas: Irene é como todas as moças; está morrendo por casar; mas faz-se de boa para ser muito rogada; insisti na historia, e ella sorrio-se vaidosa.... corou... vês?... foi como se começasse dizendo: « eu.... » e pontinhos: depois suspirou... vês?... foi como se acabasse dizendo: « quero » com ponto final cœtera.

Casimiro.—Mas... como, suspirou... isso já é muito, e todavia... pôde não ser coisa alguma...

Braz.—Enganas-te: isso é sempre alguma cousa. Irene cahio no laço: juro-te que desde dous dias o seu olhar, a sua physionomia, os seus enleios, a sua respiração muitas vezes comprimida, estão denunciando noiva.

Casimiro.—E' verdade que ella hontem fallou-me com uma perturbação...

Braz.—Queres mais claro?

Casimiro.—Eu queria.... o sim decisivo...

Braz.—Tambem eu quiz, pedi-o, e exigi-o ainda ha pouco.

Casimiro.—E ella?...

Braz.—Quiz fallar... hesitou... apertou-me a mão, feliz Casimiro! e enfim, depois de muita confusão... rosas de pejo nas faces... agitação palpitante do seio, et cœtera, afortunado Casimiro! ella murmurou a custo: « Poupe-me ainda... farei por chegar um pouco cedo para o banquete de D. Violante... e lá... se nos acharmos sós... o senhor me ouvirá... e ficará contente de mim... »

Casimiro.—Oh! ella disse isso? que tu ficarias contente della?... então é certa a minha dita, Braz! é a consequencia...

Braz.—Logica, está clarissimo: o contrario fóra absurdo et cœtera; e por essa razão corri a espera-la aqui: entendi-me com o irmão, que as acompanhará até a escada da varanda, e voltará depois.

Casimiro.—Ah, meu Braz!

Braz.—Traduzo ou interpreto: desejas ouvir a minha conferencia com Irene.

Casimiro.—Se fosse possivel...

Braz.—Vaidoso! vaidoso! é uma traição que a tua noiva me agradecerá: quando, ella chegar, entra no teu gabinete, e da porta entreaberta ouvirás tudo. Feliz Casimiro! eu ponho-me de sentinella. (*Na janella.*)

Casimiro.—Muito padece quem ama!

Braz.—(*A' janella*) Com effeito um amor assim fóra de tempo deve andar aos tombos pelas rugas do coração; mas a madrinha, que é oito annos mais velha do que nós, mostrou-te o caminho do casamento...

Casimiro.—Que douda! que velha ridicula!

Braz.—Desta vez é a madrinha que traz nos olhos a travé; mas o ergueiro que está nos teus é de um tamanho colossal...

Casimiro.—Eu sinto verdadeiro amor...

Braz.—Tambem a madrinha diz que o sente: é questão de mais ou menos cabellos brancos nos dous amores... mas... Irene chega... como vem formosa! afortunado Casimiro! ao gabinete, perverso.

Casimiro.—(*Entrando*) Conversa de modo que eu ouça distinctamente.

Braz.—Pôdes contar com isso: conversarei em fortissimo.

SCENA III

Braz, Irene e Casimiro no gabinete.

Braz.—Minha senhora, dou parabens á minha fortuna, pois que a madrinha e D. Clemencia ainda estão aprimorando os seus *toilettes*, e Casimiro e Mario provavelmente mostrando os seus.

Irene.—A fortuna de que falla é detérmimada pelo cruel dever de dar-lhe contas de mim.... comprehendo que me cumpre fallar, explicar-me, responder-lhe.... mas custa-me.... o vexame atormenta-me...

Braz.—Na minha qualidade de homem é evidente que tenho menos vergonha e rompo a discussão, começando pelo fim, o que é mais em regra. Casimiro a adora; a sua mão de esposa vai aditar-lhe a vida... uma só palavra sua resumirá mil discursos; diga—*sim*—, e está acabada não, mas principiada a historia, e que historia? et cætera.

Irene.—Devo ser franca: o Sr. Casimiro está adiantado em annos e eu sou quasi menina: poderia sentir por elle somente amor filial; como lhe consagrarei amor de noiva? O nosso casamento seria muito desigual, e ainda isso é o menos.

Braz.—Caio das alturas: pois ha mais?... tenha a bondade de chegar-se para mim, que sou um pouco surdo. (*Perto do gabinete*) pois ha mais?

Irene.—Ha: disse que elle é demasiado velho para uma noiva de dezoito annos... tem tres idades minhas...

Braz.—Como?... esta surdez martyrisa-me...

Irene.—(*Mais alto*) O Sr. Casimiro tem tres idades minhas...

Braz.—Ah! isso é o menos: o que é o mais?...

Irene.—Pois que é necessario dize-lo... confesso-o.... eu já sou amada... e... amo...

Braz.—Como?...

Irene.—(*Mais alto*) Já sou amada.... e amo...

Braz.—Ah! essa circumstancia.... bilateral é bilateralmente grave.

Irene.—E ainda mais....

Braz.—Mais?... então é o infinito na desgraça de Casimiro.... estou cahido das alturas et cætera!

Irene.—Não é o infinito, mas é o impossivel moral e absoluto...

Braz.—Que illusão a minha! e eu que contava.... mas então....

Irene.—O homem por quem sou amada, aquelle que amo.... Sr. Braz....

Braz.—Querem vêr que sou eu....

Irene.—E?... Mario.... o filho do Sr. Casimiro....

SCENA IV

Braz, Irene, Casimiro no gabinete e Mario no fundo.

Braz.—Como? esta surdez é o diabo.

Irene.—(*Alto*) O homem por quem sou amada... aquelle que amo... é Mario...

Braz.—Mario? a atrapalhação é séria; porém.... Mario é um estroina.

Irene.—Tem o mais nobre coração... é joven e bello: eu o amo... o seu defeito era a ociosidade... ama-me porém ternamente.... (*abre-se a porta do gabinete: Casimiro com os traços decompostos: Mario ao fundo entusiasmado*) eu conseguirei corrigi-la... e pelo encanto... pela pureza e santidade do nosso amor leva-lo a trabalhar, a ser útil a si, á sociedade, e a esquecer entretenimentos vão... (*Casimiro sahe arrebatado do mesmo tempo que Mario avança.*)

Mario.—Prova! acabo de vender hypogripho (*Confusão de Casimiro.*)

Irene.—Ah! meu Deos!

Braz.—(*A Casimiro*) Contém-te: Mario chegou apenas a poucos momentos, e nada ouviu sobre tuas loucas pretensões.... é indispensavel que elle as ignore sempre.

Casimiro.—(A *Braz*) Mas como está desmoralizada a mocidade!
(a *Irene*) Minha senhora...

Irene.—Sr.... Casimiro....

Casimiro.—Peço perdão.... entrei precipitado.... e....

Mario.—Foi a mais feliz surpresa, meu pai.

Casimiro.—Impertinente! sempre desasisado....

Mario.—Porque vendi hypogripho? dous contos para raiz de fortuna abençoada pelo amor de um anjo.

Braz.—Adoravel estroina, Deos te abençõe.

Irene.—Eu me confundo.... e preferiria ir vêr as senhoras....

Casimiro.—(A *Mario*) Não comprehendes que és inconveniente?

Mario.—Pois ha mal no que disse?... meu pai, amo D. Irene, ella ama-me; logo, nós nos amamos: eu era um vadio, agora vou trabalhar: prova de juizo, vendi hypogripho: o que falta só é que meu pai aprove o que falta.

Braz.—Adiada a votação do projecto: agora fica suspenso o amor da primavera: chega a madrinha: entra em scena o inverno amoroso, todo abrazado nos gelos de sessenta e dous annos.

Casimiro.—(A *Braz*) Que lição cruel, malvado!

Braz.—(A *Casimiro*) Deixa-te de tingir os cabellos; resigna-te á reforma de namorado et coetera, e sabe ser feliz pela felicidade de teus filhos.

SCENA V

Braz, Casimiro, Irene, Mario, Violante e Clemencia.

Violante.—Mil agradecimentos, D. Irene, por ter vindo honrar o nosso jantar, que será o do meu noivado.

Irene.—Renovo-lhe os meus parabens, minha senhora: e o seu noivado quando será, D. Clemencia? ! espero ser convidada...

Clemencia.—Fiz dous votos: o primeiro para que nós duas tenhamos as nossas bodas no mesmo dia; o segundo para que a titia assista a ellas ainda solteira e sem noivo.

Violante.—Esta pobre invejosa não passa de praguenta amalucada: a minha dita lhe tira o somno e a faz delirar: em parte devo desculpa-la: o meu casamento, D. Irene, foi resolvido pelas linhas tortas com que Deus costuma escrever direito: principiou por brinquedo de aposta, e vai acabar em coisa séria. Ah! se eu lhe contasse toda a historia.... mas.... bem vê que por fim de contas ha no nosso sexo certas revoltas dô pudor....

Irene.—Oh!... sem duvida....

Braz.—E com todas essas revoltas a madrinha casa-se por fim de contas et coetera!

Clemencia.—Quem sabe? eu hei de vêr para crer....

Violante.—O que pretendes é perturbar-me o espirito com temores vão.... ficaste vencida!

Clemencia.—Confesso; mas espero ficar sem vencedora. (*Impaciencia de Violante*) titia, a que horas devem chegar os seus tres pretendentes?

Violante.—A's quatro horas precisas (*consulta o relógio*), são apenas tres.... ainda tenho de esperar um seculo!

Clemencia.—E em uma hora transforma-se o mundo. (*A Braz*) Estou com medo....

Braz.—(A *Clemencia*) E eu não; confio muito nas miserias humanas.

SCENA VI

Braz, Casimiro, Irene, Mario, Clemência, Violante e um criado, que apresenta em uma salva de prata uma carta a Violante e retira-se.

Violante.—(A Clemência) Vê de quem é essa carta e o que contém

Clemência.—(Abre e lê) Oh!

Casimiro.—Que é?

Clemência.—(Lendo) « Minha senhora: cedendo a meu pezar a circumstancias imperiosas, sou obrigado a desistir das minhas pretenções á mão veneranda de V. Ex.; se porém o destino não me permite ser esposo, serei ao menos sempre de V. Ex. o mais humilde criado.... » Dr. Augusto de Mello.»

Casimiro.—E esta?

Violante.—É falso! como não sei ler, a maldita invejosa abusa da minha ignorancia. (Toma a carta e dá-a a Braz) Braz, lê tu esta carta por fim de contas.

Braz.—(Depois de ler para si) Tal e qual, madrinha! e a letra e a firma são do Dr. Augusto. Custa a crêr... mas este... foi-se! et cœtera.

Violante.—(Dissimulando mal) Por fim de contas, era esse o que menos me agradava, dos tres.

Clemência.—Ah, titia!...

Violante.—(Com força) Ainda tenho dous!

SCENA VII

Braz, Casimiro, Irene, Mario, Clemência, Violante e o criado, que apresenta segunda carta a Violante e vai-se.

Mario.—Este criado tem cara de correio de más novas.

Violante.—(Confusa dá a carta a Braz) Lê tu, meu Braz; lê porém direito...

Braz.—(Abre a carta e lê) Et cœtera!!! « Excellentissima: tendo empregado tres dias em reflectir, como V. Ex. me ordenou, cheguei á triste convicção de que me cumpre declarar com o mais profundo respeito e dôr acerba que dou o dito por não dito, e sou de V. Ex. o servo mais dedicado.—Leopoldo Pereira. » Li muito direito: a madrinha quer archivar a carta? (Apresentando-a.)

Violante.—Deita fóra esse papel sujo!

Clemência.—A titia deve ter paciencia, como eu tive....

Violante.—Não me falles!... ainda me ficou o melhor dos tres... por fim de contas o mesmo que eu estava resolvida a preferir... (Sentia-se agitada e abana-se forte.)

Irene.—Mas de que modo se explica semelhante procedimento?

Violante.—Juro que são intrigas desta pombinha sem fel! (mostra Clemência e abana-se muito). Por fim de contas está fazendo muito calor!...

SCENA VIII

Braz, Casimiro, Irene, Mario, Clemência, Violante e o criado, que apresenta terceira carta a Violante e vai-se.

Casimiro.—Terceira carta! será possível que....

Violante.—(vai dar a carta a Braz, e arrepende-se: dá-a a Irene) D. Irene, a senhora é uma santa....

Mario.—Apoiado, titia!

Violante.—Uma santa menina que não me enganará: lêa, lêa a senhora.

Irene.—(Abre a carta e lê para si) Ah! é demais! não ousou...

Violante.—Lêa, ainda que seja a minha sentença de morte.

Irene.—(Lendo) « Excellentissima senhora: tenho a honra de participar á V. Ex. que hontem fiz-me examinar por dois medicos, os quaes me declararão com hypertrophia do coração, e condemnado ao celibato para viver mais alguns annos que consagrarei ao amor platonico do bello sexo; assim pois coagido por força maior e maldizendo da minha hypertrophia, peço mil perdão á V. Ex... »

Violante.—(Arrebata e rasga a carta) Basta! muito obrigada pelo seu favor: por fim de contas.... (á Clemencia) foste tu que os endemoninhaste... mas por fim de contas elles são tres demonios.

Braz.—Madrinha, tudo que Deos faz é por melhor: veja que tres harpias escapou: se se casasse com algum delles sabe o que teria de soffrer?...

Violante.—(Encoletisada) O que?... o que?... o que?...

Braz.—Teria de soffrer... et coetera, et coetera, madrinha.

Casimiro.—E ficamos sem noivo para o banquete do noivado!

Braz.—Menos essa... já temos um... (mostrando Mario) e eis ahi outro.

SCENA IX

Braz, Casimiro, Irene, Mario, Clemencia, Violante, Lauriano e logo depois Porfirio.

Lauriano.—Minhas senhoras! meus senhores! (comprimento)

Irene.—Vens radioso de alegria...

Lauriano.—Felicitem-me! acabo de saber que com optima approvação nos exames de sufficiencia, que fiz, estou habilitado para ensinar diversas materias de instrucção secundaria, e tenho já previos ajustes para leccionar em quatro collegios: oito-horas de trabalho por dia; mas é quasi riqueza, e seria riqueza completa (olhando Casimiro e Clemencia); se me fosse dado reparti-la com a escolhida do meu coração...

Braz.—Et coetera, Casimiro, et coetera! isso é clarissimo, e cahe do céu: não cahe do céu D. Clemencia?...

Porfirio.—(Arrebatado) Que é delle?... que é delle?... quero abraça-lo.

Casimiro.—Quem?

Porfirio.—O capitão Jorge de Souza? que é delle?...

Braz.—(á Clemencia) Temo-la travada!

Clemencia.—(A Braz) Agora pouco importa.

Porfirio.—Mas que é do capitão?

Casimiro.—Estás doudo?

Violante.—Que capitão, senhor?... não sabe que o meu infeliz primo Jorge morreu a dous annos em combate no Paraguay?

Porfirio.—Mas resuscitou: no Paraguay muitas vezes se resuscita: aqui está a gazetilha do *Jornal do Commercio* de hoje. (mostra o jornal)

Violante.—Resuscitou! meu primo!....

Porfirio.—Estão cambando?... a gazetilha diz que a noticia é dada pela familia: aqui está: (Lendo) « O capitão Jorge de Souza que todos julgavão morto, escapando ao inimigo que o tinha prisioneiro, apresentou-se aos seus bravos companheiros no mesmo dia da victoria do Campo Largo e chegou hontem á esta corte no transporte de guerra.

Violante.—Meu primo! meu primo!

Porfírio.—Mas é de pasmar ! não os entendo... a gazetilha falla na senhora...

Violante.—Em mim?... essa é boa ! eu em letra redonda por fim de contas.

Porfírio.—Aqui está ! diz, que conforme condição expressa do testamento de seu tio e padrinho, a senhora, sua unica e universal herdeira, estava obrigada a entregar toda a herança ao filho, o capitão Jorge de Souza, se em qualquer tempo elle apparecesse vivo...

Violante.—Isso é uma grande mentira ; não ha tal condição no testamento !

Porfírio.—Vamos a melhor ! .. a gazetilha accrescenta que a senhora hontem mesmo apressou-se a fazer plena entrega da immensa fortuna que herdára, ficando em completa pobreza, mas abençoando generosa a chegada de seu primo. (*Violante mede Clemencia de alto abaixo.*) Explique-me esta embrulhada...

Clemencia.—(*A Violante*) Titia...

Violante.—Ah, embusteira de uma figa !... pois foi assim ? ! ! !

Clemencia.—(*Abaixando os olhos*) A titia perdôe... se a gazetilha não está bem redigida... para outra vez escreverei melhor.

Porfírio.—Eu fico ás escuras !... que quer dizer isto ?

Braz.—Foi uma aposta que acabou sem vencedora ; pois o vencedor foi somente o dinheiro, que conquistou tres miseraveis, logo depois fugidos em debandada ao annuncio da pobreza.

Porfírio.—Fiquei na mesma : o Braz quando não diz et cœtera é inintelligivel.

Violante.—(*A Braz*) Meu Braz, vexame até aqui ! por fim de contas não sei onde me esconda !

Braz.—(*A Violante*) Espere, que eu a salvo já. (*Alto*) Basta de enganar estes pobres meninos : Clemencia e Lauriano, Irene e Mario, tendes sido desde alguns dias objectos do nosso innocente divertimento : aqui não ha velha noiva ridicula, nem velho com pretenções anachronicas : ajoelhai-vos diante da tia bemfeitora e do pai extremo !

Mario e Clemencia.—Como?... Então ?...

Braz.—Mario, eis as dispensas necessarias para que no fim de oito dias estejas casado com D. Irene : a assignatura de Casimiro nestes papeis esclarece tudo.

Mario.—Meu bom pai !... (*Recebe os papeis, e vai com Irene beijar a mão de Casimiro.*)

Casimiro.—(*A Braz*) Obrigado, Braz ; obrigado ! (*aperta-lhe a mão*).

Braz.—D. Clemencia, a madrinha nunca pensou em casar-se, quer viver, e vive para seus parentes, e hontem ordenou-me que tivesse prompto para cada um de seus dous sobrinhos um dote de cinquenta contos de réis.

Clemencia.—Titia... escuse-me as travessuras... sempre a ameí... (*Beija-lhe a mão.*)

Mario.—Com o producto da venda de hypogripho, titia, são cinquenta e dous contos de réis para a minha Irene ; não quero porém desigualdades ; cedo um conto de réis a Clemencia, e beijo-lhe a mão... vem beija-la tambem, Irene !..

Violante.—(*A sobrinha e Irene, que lhe beijão as mãos*) Me deixem !

Braz.—(*A Violante*) Cem contos de réis pela lição, madrinha... é negocio da China ; aceite e cale-se.

Violante.—(*A Braz*) O que eu merecia era ir para o hospicio de Pedro Segundo : aceite e calo-me. (*Alto*) E por fim de contas...

Braz.—Et cœtera... et cœtera...

A Venda na livraria de C. Coutinho,

RUA DE S. JOSÉ N. 75, RIO DE JANEIRO.

- Theatro moderno Luso-Brazileiro.** Collecção de comédias, dramas e scenas comicas.
- N. 1. Como os anjos se vingão, d. 1 a. de C. Castello-Branco.
- N. 2 Embrulhadas de amor, c. 1 a. por Rubem Tavares.
- N. 3 O Dr. Gramma, c. 2 actos.
- N. 4 O diabo a quatro n'uma hospedaria, c. em 1 acto.
- N. 5 Cegueira ou bebedeira? scena dramatica.
- N. 6 Um marido que é victima das modas, c. em 1 acto.
- N. 7 Ah! como eu sou besta! scena comica de F. C. Vasques.
- N. 8 Um par de mortes, ou a vida, de um par, Calembourg 1 acto.
- N. 9 O diabo no Rio de Janeiro, scena comica de F. C. Vasques.
- N. 10 O Sr. Domingos fóra do serio, scena comica do F. C. Vasques.
- N. 11 Meia hora de cynismo, c. 1 a. de França Junior.
- N. 12 As duas bengallas, c. 1 acto.
- N. 13 Dous genios iguaes não fazem liga, comedia em 1 acto.
- N. 14 A afilhada do barão, c. 2 a. por Mendes Leal.
- N. 15 O menino Monclar, scena comica de F. C. Vasques.
- N. 16 O diabo atraz da porta, comedia em 1 acto.
- N. 17 Os ratões da época, c. 1 a.
- N. 18 A espadellada, comedia em 1 acto de Costa Lima.
- N. 19 As pitadas do velho Cosme, s. c. de F. C. Vasques.
- N. 20 Os namorados da Julia, s. comica de F. C. Vasques.
- N. 21 Uma criada impagavel, comedia em 1 acto.
- N. 22 Os Dous ou o inglez Machinista, c. 1 acto por Penna.
- N. 23 Um quarto com duas camas, c., em 1 a. por A. S. Bastos.
- N. 24 Por um tris! (Quesi que se pegão) comedia em 1 acto.
- N. 25 Amor e honra, d. em 2 actos.
- N. 30 Rocambole no Rio de Janeiro scena comica de Vasques.
- N. 33 Effeitos do vinho novo, s. c.
- N. 34 Como se perde um noivo, comedia 1 acto.
- N. 35 O actor s. c. de F. X. de Novaes.
- N. 36 Casar ou meter freira, c. 1 acto.
- N. 37 Affronta por Affronta, dr. 4 actos.
- Amor com o amor se paga, c. 1 a.
- Mysterio do Alcazar, d. brazileiro.
- Rocambole Junior, c. 1 acto.
- A expiação, nova comedia de José de Alencar.
- Julho Diniz** : Os novellos da tia Philomella, e o espolio do Sr. Cypriano, em 1 vol. 2§; A morgadinha dos canaviaes, chornicas da aldeia, 2 vol. 3§; As apprehensões d'uma mãe,—e uma flór d'entre o gelo, em 1 vol. 2§; As pupilas do Sr. Reitor. 1 vol. 2§; Uma familia ingleza, 1 vol. 3§000.
- As Primaveras de Casimiro de Abreu. 3§000.
- O bobo, romance de A Herculano. 3§000.
- Contos Noturnos por Barbosa Rodrigues. 3§000.
- Isbella, romonce brasileiro por F. da Rocha. 2§000.
- As tardes de um pintor ou intrigas de um jesuita, 2.ª edição. 3 volumes. 6§000.
- Manta de retalhos, em prosa e verso. 1 vol. 2§000.
- Cartas de um roceiro. 1 vol. 2§000.
- Poesias, 1 vol. 2.ª edição.
- Novas Poesias, 1 vol. 2§000.
- O Futuro, 1 grande volume com romances, poesias, vlagens, musicas e estampas. encad. 6§000.
- Poesias Posthumas, com o retrato 3§000.
- As mulheres Perdidas. 3 vol. 2§.
- A Loba romance de Paulo Feval. 3 vol. 2§000.
- O livro de Orlina, paginas intimas. 2§000.
- Uma mulher honesta, romance. 2§000.

Collecção completo de Rocamboles a qual se compõe de 10 partes.— Prantos e Risos, poesias sentimentaes e satyricas. 2\$000.

A Condessa de Monte-Christo, romance 2 vol. 4\$000.

O Filho do Diabo, por Paulo Fival 2 vol. encadernado 5\$000.

Amanda e Oscar 1 vol. encad. 4\$. Vitor ou o menino da Selva, encadernado. 4\$000.

Os mendigos de Paris, romance. 3\$000.

Um drama da regencia, por Paulo Feval 4\$000.

Camillo C. Branco, Romances:

Aguilha em palheiro; Amor de

perdição; Amor de salvação;

Anathema; Annos de prosa;

Aventuras de Bazilio Fernandes, enxertado; O bem e o mal;

Os brilhantes do brasileiro; A

bruxa de monte-cordova; Car-

lota Angela; Cavar em ruinas;

Cousas leves e pesadas; Cousas

espantosas; Coração, cabeça e

estomago; A doida do Candal;

Doze cazamentos felizes; Duas

horas de leitura; A enfeitada;

O esqueleto; Estrellas funestas;

Estrellas propicias; Fanny; A

filha do arceidiágo; A filha do

Dr. Negro; Jden, 2 vol.; Lag-

rimas abençoadas; O livro negro

de Padre Diniz; Lucta de

gigantes; Memorias do carcere,

2 vol.; Memorias de Guilherme

do Amaral; Memorias do Fr.

João de S. J. Queiroz; Myster-

ios de Lisboa, 2 vol.; O mozaico;

A neta do arceidiágo; No

bom Jesus do monte; Noites de

Lamego; A onde está a felicidade?

O olho de vidro; O que

fazem mulheres; A queda d'um

anjo; Romance d'um homem

rico; Romance d'um rapaz po-

bre; O retrato de Ricardina; O

sangue; Scenas contemporaneas;

Scenas da Fóz: Scenas inno-

centes da comedia humana; O

senhor do paço de Niães; A

Sereia; O santo da montanha;

As tres irmãs; A mulher fatal;

Um homem de brios; Vingança;

Vinte horas de leitura;

virtudes antigas.

Poesias do mesmo: Duas epochas na vida; Inspirações; Um livro; Preceitos do coração; Preceitos de consciencia; Folhas cahidas.

Obras diversas do mesmo, Divindade de Jesus; Horas de Paz, Os martyres, 2 vol. (trad.) O genio do christianismo; 2 vol. (trad.); A immortalidade a morte e a vida, (trad.); Jesus Christo perante o seculo, (trad.); Appreciações litterarias; O mundo elegante, collecção de romances, poesias, musicas e estampas; Vaidades irritadas e irritantes; O inferno, trad.

Dramas: do mesmo: Abençoadas lagrimas; Espinhos e flores; Agostinho de Ceuta; O marquez de Torres Novas; Justiça; O morgado de Fafe em Lisboa; O morgado de Fafe amoroso; Poesia ou dinheiro? Purgatorio e Paraiso, O ultimo acto.

Os mysterios do Palais Roial, por Montépin. 2 vol. 4\$000.

Onde está a infelicidade, romance, por Cunha Belém, 1\$000.

A San Felice, romance de A. Dumas 3 vol. 7\$000.

Os mysterios do Povo por Eugenio Sue, obra completa em 9 vol. com estampas, 15\$000.

Os novos mysterios de Paris, romance, 3\$000.

D. João Tenorio, romance, 2 vol. 4\$000.

O homem da orelha quebrada, 1\$.

Historia dos Girondinos por Lamartine, 6\$000.

O genio do Christianismo por Chateaubriand, trad. de Mendes Leal e Castilho, encadernado, 6\$000.

A constituinte perante a historia Dr. Homem de Mello 2\$000.

Cartas do Solitario por Tavares Bastos. 3\$000

A familia do jesuita, romance portuguez por Andrade Ferreira 2\$000.

Perigrinações n'aldéa, por Alberto Pimentel. 1\$500.

Processo e julgamento de Vieira de Castro, 1\$000.

- Os quatro poetas da epocha, 1 vol. contendo as poesias: A Juidia por Thomaz Ribeiro; Amor e Medo por Casimiro de Abreu; Pavilhão Negro, de M. Leal; congratulação Faterna, do mesmo; O noivado do Sepulchro, de Soares de Passos, tudo por 1\$000.
- O Trovador, collecção de modinhas, recitativos, lundãs etc. 5 volumes a 1\$000.
- As victimas—algozes quadros da escravidão, pelo Dr. Macedo. 5\$
- As duas facadas, narração popular, 1\$500.
- Memorias de um charuto 1\$000.
- Os amores de um voluntario 2\$.
- Homens do mar, drama de Cesar de Lacerda.
- Ilha das Cobras na vespera da descoberta do Brazil, desproposito em 1 acto.
- Meu marido está ministro, com.
- A morgadinha de Val-flór, drama de P. Chagas.
- O Sr. Silveira em calças pardas, scena comica.
- Remissão de Peccados, nova comedia do Dr. Macedo.
- O Sr. Sá Progresso, scena comica.
- O Estatuario, scena dramatica.
- O Bandido, scena dramatica.
- O Usurario, scena dramatica.
- O Sarrabulho, scena comica.
- O medico d'uma viuva, c. 1 acto.
- O mestre Fagundes, s. comica.
- O Guúcho, scena comica.
- O Gaiato de Lisboa, c. 3 actos.
- Pedro, drama, de Mendes Leal.
- Abel e Caim, d. de Mendes Leal.
- Punição, drama de Pinheiro Guimarães.
- Historia d'uma moça rica, drama.
- Supplicio e copos, scena comica.
- As tres graças, comedia.
- Typos da actualidade, c. 3 actos.
- Um thesouro, comedia, 1 acto.
- A educação, comedia.
- Cynismo, scepticismo e crença, comedia-drama em 2 a. de Cezar de Lacerda.
- Alvaro da Cunha ou o cavalleiro de Alcacerquibir, drama.
- Os voluntarios da honra, comedia drama 2 actos.
- A viuva do meu amigo, c. 1 a.
- Anegação da familia, drama 4 a.
- Fernanda, drama em 4 actos.
- Os popillos do escravo, c. d. 5 a.
- O condemnado, drama de Camillo Castello Branco, 5 actos.
- Alvaro de Abranches, d. 4 actos.
- Sorpresa d'Evora, d. 3 actos.
- Estella d'Aragão, d. 3 actos.

Arrependimento Salvo, dr., 1 a.
 Arthur ou depois de 16 annos, dr.
 vaudeville em 2 actos.
 Assim é que elles são, dr., em 3 a.
 A' tarde, entre a murta, com., em
 3 actos.
 Atar-Gull, drama em 3 actos e 6
 quadros.
 Athalia, tragedia em 5 actos.
 Avarento (o), comedia em 5 actos.
 Ave do paraizo, com. magica em
 3 actos.
 Avizo da gazeta, farça em 1 acto.
 Azas (as) de um anjo, com. em 1
 prologo, 4 actos e 1 epilogo.

B

Banhos (os) das Caldas, com. em
 2 actos.
 Baptisado (o) com. em 1 acto.
 Barão de Trenck (o), com. em 2
 actos.
 Barba azul, opera 3 a. 4 quadros.
 Barba de Milho, (o) parodia.
 Beata fingida, com. em 5 actos.
 Beata (a) de mantilha, comedia
 em 1 a.
 Beijinho (o) das cridas, com. em 1
 acto.
 Beneficio (o) d'um ponto, comedia
 em 5 actos (manuscripto).
 Bergami drama, 5 a 6 quadros.
 Bernardo na lua, farça em 1 acto.
 Berta de castigo, c. 1 a. (manus-
 cripto.)
 Bertrand e Raton ou a arte de
 conspirar, com. em 5 a.
 Boa desforra, com. em 1 acto.
 Bom (o) homem d'outro tempo,
 c. 1 acto.
 Bom (o) servidor, boa paga, pro-
 verbio.
 Bons fructos de ruim arvore, dr.
 1 acto.
 Botina (a) verde, comedia.
 Brasileira (as), com. d. em 3 a.
 Britanico, trag. em 5 actos.

C

Cabelleiro (o) Leonardo, comedia
 em 3 actos.
 Cabrito (o) montez ou rendeiro
 inglez, drama em 3 actos.
 Caçador (o), farça lyrica em 1 a.
 Cada louco com sua mania, com.
 em 1 acto.

Cada um por si, comedia em 3 a.
 (manuscripto).
 Cagliostro ou os carbonarios nos
 ultimos dias de Luiz XV, dr.
 em 4 actos e 5 quadros.
 Caixeiro (o) da taverna, c. 1 acto.
 Caixeiro (o) honrado e o negociante
 ladrão, dr. em 3 a. e 1 prologo.
 Calabar dr. em 5 actos.
 Camara (a) ardente, dr. em 5 a.
 e 7 quadros.
 Caminho (o) da porta c. em 1 a.
 Caminho para o céu ou os traba-
 lhos do christã, dr. em 3 e 5 q.
 Camões (o) do Rocio, c. em 3 actos.
 Camões e o João, scena dramatico.
 Como se descobrem mazellas, c. 1
 acto.
 Cantor (o) improvisado, c. em 2 a.
 Cancros sociaes, dr. em 5 actos.
 Capitão (o) Bitterlin, c. em 1 acto.
 Capuletos (os) montequios, trag.
 lyrica.
 Caravagio, drama em 3 actos.
 Caridade (a) cantada por um asi-
 lado, scena comica.
 Caridade (a) na sombra, dr. 3 a.
 Cartas (as) de Namoro, c. d. em 2
 actos.
 Carlos, o artista, dr. 3 a. e pro-
 logo.
 Carlos ou a familia d'uma varento,
 c. em 4 actos.
 Cartouche, dr. em 3 actos.
 Casado por commodide, c. 1 acto.
 Casal (o) de giestas, dr. 5 actos.
 Casa (a) maldita, dr. em 4 actos.
 Casamento clandestino, c. 5 actos.
 Casamento e despacho, c. 3 actos.
 Casamento (o) figaró, ou as locuras
 de um dia, c. 4 actos.
 Casamento do filho do Vaqueiro
 comedia, 1 acto.
 Casamento Singular, c. 3 actos.
 Casar ou meter freira, proverbio.
 Casar para não morrer, c. 1 acto.
 Castellã (a) c. em 1 acto.
 Castello (o) Montlouvre, dr. 5 a.
 Catão drama tragico.
 Captivo de Fez, dr. 5 actos.
 Cautela com as cautelas, c. 1 acto.
 Cavalleiro (o) Teutonico ou a frei-
 ra de Mariembourg, trag. em 5 a.
 Cavalleiro (o) da casa vermelha,
 drama 5 actos.
 Cavalleiro (o) S. Jorge, c. 3 actos.
 Cego (o) dr. do Dr. Macedo, em
 5 actos.

- Chale (o) de cachimira, c. 1 acto.
 Chapéu (o) de chuva do Sr. Pantalão, comedia em 1 a.
 Cigana, (a) dr. em 5 actos.
 Cigano (o) drama em 4 actos.
 Cioso (o) drama em 3 actos.
 Clara Harlowe, dr. em 3 actos.
 Clenasyonon os puritanos de Londres, drama em 5 actos.
 Cleta ou a filha de uma rainha, drama em 3 actos.
 Clytemnestra, rainha de Mycenae, tragedia,
 Club (o) godipan, c. 1 acto.
 Cobé, dr. do Dr. Macedo, 5 actos.
 Coelho Furtado, scena comica.
 Colligial (o) endiabrado, c. 1 acto.
 Cofre (o) os Tartaruga, c. 1 acto.
 Colono, (o) com.-drama, 3 actos.
 Como os anjos se vingão, dr. em 2 actos de Camillo C. Branco.
 Como o diabo as tece, c. 1 acto.
 Como se descobrem... mazellas, comedia, 1 acto.
 como se domão as feras, c. 1 acto.
 Como se sobe ao poder, c. 3 actos.
 Comparação (o) Suzano, c. 3 actos.
 Conde (o) Andeiro, dr. 3 actos e 6 quadros.
 Conde da fonte arcada, dr. 5 a.
 Conde (o) de Morcerf, dr. 5 actos e 10 quadros.
 Condemnado, (o) d. de Camillo C. Branco.
 Condessa d'Azola, dr. 5 a, e 8 q.
 Cinjuração de Fiesco em Genova, tragedia.
 Consequencias do carnaval, c. 1 a.
 Consequencias d'uma inicial. c. 1 acto.
 Consequencias d'uma noite de S. João em Alcaçer do Sal, c. 1 a.
 Consorcio (o) de Lucrecia, c. 1 a.
 Conspiradores, (os) c. 1 acto.
 Constantino o Grande, ou a ambição castigada per si mesma, tragedia.
 Conta de tres, c. 2 a, (manuscripto)
 Contos (os) do tio João, c. em 1 a.
 Conversação (a) d'uma agiota c. em 1 acto.
 Conversão (a) d'um calceta, dr.
 Convido o coronel, c. 1 acto.
 Copo (o) d'agua, ou os effeitos e as causas, comedia em 5 a.
 Cora ou a escravatura, dr. 5 a. 7 quadros.
 Coração de ferro, dr. phantastico, 5 actos.
 Corda (a) sensivel, vandeவில்lo 1 a.
 Coróa (a) de Carlos Magno, dr. 4 actos.
 Coróa (a) louro, com. 2 actos.
 Coróa (a) hereditaria, ou o perigo dos povos, dr. em 3 actos.
 Coroação da virtude ou a independencia do Brasil, dr. 5 a.
 Coronel, (o) comedia em 1 acto.
 Cornelia, tragedia em 5 actos.
 Cersario, (o) dr. em 5 actos.
 Côte (a) de Philippe 4^o, dr. 4 a.
 Costureira, (a) comedia 1 acto.
 Criada (uma) criada impagavel, comedia 1 acto.
 Criada (a) diplomata, com. 1 a.
 Crime (o) ou 20 annos de remorsos, dr. 5 actos.
 Cruz (a) dr. em 5 actos.
 Culpa e arrependimento, dr. 4 a.
 Culpa e perdão, dr. 2 actos.
 Cynismo, scepticismo e crença c. em 2 a. de Cezar de Lacerda.

D

- Dalila, drama em 4 actos.
 Dansarino (o) encoberto, c. 1 a.
 Dedicção, drama em 4 actos.
 D. João d'Austria, ou a vocação, drama 5 actos.
 D. Rodrigo, dr. em 5 actos.
 D. Ruy cid. de Bivar, tragedia.
 Defensor (o) da Igreja, dr. 3 a. e 9 quadros.
 Degollação (a) dos innocentes, dr. 5 actos.
 De Ladrão a Barão, dr. 5 actos.
 Demonio (o) familiar, com. 4 a.
 Dente de ciso, com. em 1 acto.
 Desafios (os) drama em 2 actos.
 Desejos (os) de dois casados, com. 1 acto.
 Desencantós, phantasia dramatica, 2 actos.
 Desertor (o) Hungaro, dr. 3 a.
 Desgraça e Ventura, dr. 3 actos.
 Destes há poucos, com. 1 a.
 Dever e honra, dr. 2 actos.
 Deus nos livres de mulheres, c. 1 acto.
 Deusas (as) de Balão, com. 1 a.
 Deuses (os) de casaca, com. 1 a.
 Diabo (o) defunto o militar c. 2 a.
 Diabo (o) dr. 5 a. (manuscripto.)
 Diabo (o) no Rio de Janeiro, s. c.